O MALHO
ANNO XXXV
NUMERO 144
5-MARÇO-1936
Preço 1$200

# O MALHO

Propriedade da S. A. O MALHO

Director: Antonio A. de Souza e Silva

Assignaturas: Annual . . . . . . 60$000 / Semestral . . . . . 30$000

Redacção e administração
Travessa do Ouvidor, 34

Teleph. 23-4422 / 22-8073 CAIXA POSTAL 880

RIO DE JANEIRO


## O PROXIMO NUMERO D'O MALHO

Entre outros assumptos da proxima edição, destacamos:

SURPRESAS DE CARNAVAL
Conto de Flexa Ribeiro. Illustração de Paulo Amaral.

ARTE DE MENTIR
Pensamentos de Berilo Neves. Illustração de Théo.

SATAN ENVENENA O AMOR
Peesia de Paulo Gustavo Illustração de Daniel.

AS CARTAS DE AMOR
Chronica de Galvão de Queiroz. Illustração de Rex.

O PROBLEMA DO COLLARINHO
Chronica humoristica e Illustrações de Yantok.

O NAVIO PHANTASMA
Walter Schoot. Illustração de Fragusto.

TIA SABINA
Conto de Annibal P. Mattos. Illustração de H. Rabello.

## SECÇÕES DO COSTUME

SENHORA
DE TUDO UM POUCO
Por Sorcière

PARA A GALERIA DOS "FANS"
Por Mario Nunes

BROADCASTING EM REVISTA
Por Oswaldo Santiago

Nem todos sabem que ... — Carta enigmatica e palavras cruzadas — Caixa d'O MALHO.

# CONCURSO ALBUM DE ARTE E LITERATURA

O *coupon* n. 17, conforme fizemos notar, appareceu na edição de MODA E BORDADO que está á venda e hoje nos cabe divulgar o n. 18, que corresponde a uma pagina de prosa do academico Alceu Amoroso Lima, (Tristão de Athayde) illustrada por Paulo Amaral, sob a pagina do festejado academico irá engrossar o já bastante adeantado ALBUM, valorisando-o como uma obra prima literaria que é.

Na forma do costume, queremos fixar a attenção dos leitores que acaso ainda não tenham iniciado sua collecção para os premios valiosos que offerecemos neste concurso premios que, mediante um esforço relativamente pequeno, poderão vir a ser de sua propriedade. Assim, os de ns. 49 a 68, esses 20 bonitos relogios de pulso da acreditada marca "Masson", para homem, senhora ou creança, a escolher, no valor de 300$000 cada um, em aço inoxydavel ou folheados a ouro. Esses 20 premios, que são dos de menor valor como indicam suas elevadas ordens numericas, (49° a 60°) podem ser vistos na Casa Masson, onde estão expostos, á rua do Ouvidor, 91.

Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima), autor da pagina de hoje do ALBUM DE ARTE E LITERATURA, nasceu no Districto Federal a 11 de Dezembro de 1893.

Em 1908 terminou o curso do Gymnasio Nacional. hoje Externato Pedro II. Matriculando-se na Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro, collou gráo em 1913. E' membro da Academia Brasileira, onde occupa a cadeira n. 40, que pertenceu a Miguel Couto, e tem por patrono o Visconde do Rio Branco e occupa o cargo de Bibliothecario.

Professor de sociologia, jornalista, critico literario, desenvolve uma intensa vida mental que lhe tem grangeado grande relevo. Livros publicados: "Alfonso Arinos". Estudos (5 séries), "Freud", "Preparação á Sociologia", "Problema da Burguezia", "Pela reforma Social", "Introducção ao "Direito moderno", No limiar da Edade Nova", etc. Prestes a apparecerem: "Indicações Politicas", "Da Tribuna e da Imprensa" e "O Espirito e o Mundo".

*Dois dos vinte relogios de valor de* **300$000** *cada*

o titulo *A evocação musical*. Quanto ao *coupon*, como sabemos, o que cada leitor tem a fazer é recortal-o e collal-o no mappa do concurso, no logar que lhe compete. E

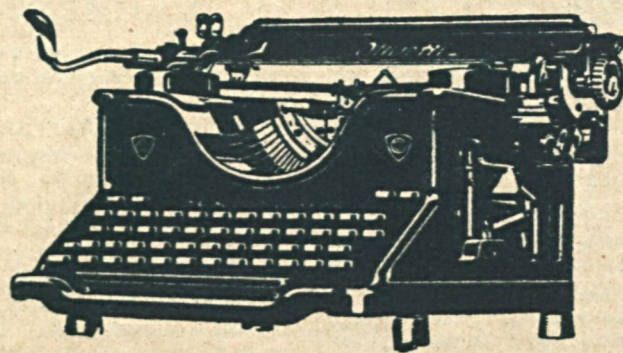
A capa do ALBUM é para distribuição gratuita. Os leitores do interior que tiverem difficuldade em adquiril-a, poderão recebel-a, desde que nos enviem a importancia de 1$000 em sellos, para as despesas de porte do Correio. Tambem temos em nosso escriptorio á Trav. do Ouvidor n. 34, os numeros de O MALHO e de MODA E BORDADO que trouxeram os "coupons" anteriores, para venda avulsa mediante pedido por carta acompanhado da respectiva importancia em sellos do correio. O leitor calculará essa importancia facilmente, sabendo que O MALHO atrazado custa rs. 1$200 e MODA E BORDADO rs. 3$000.

# Nem todos sabem que...

DOMINGO, 8 de Dezembro, se inaugurou o posto de televisão da Torre Eiffel, Paris. O novo posto utilisa uma extensão de ondas de sete metros com uma exploração de 180 linhas por imagem, de tal maneira que as novas emissões são de uma qualidade mui superior ás até o momento effectuadas no mundo inteiro. Tal emissão póde ser recebida em toda a região parisiense pelos sine-filistas que possuam apparelhos receptores especiaes. O Sr. Mandel dos P. T. T. fez installar apparelhos receptores em varios pontos da capital da França, os quaes permittem a milhares de pessoas assistir á emissão. Os logares onde se acham installados são: Rep. Nac. do Turismo, Av. des Champs-Elysées, 101; Casa da Chimica, rua St. Dominique, 28; Casa dos Engenheiros Civis, rua Blanche, 19; Conservatorio N. de A. e Officios, rua St. Martin, 192; Salão da França Ultramarina (Grand Palais), e Mairie do V districto.

UM dos cavalheiros de maximo relevo nos circulos sociaes da Europa, o Conde Emmanuele Sarmiento, da nobreza italiana, offereceu, ha tempos, á cidade de Paris uma collecção de quadros de pintores celebres. As telas eram destinadas a uma das salas do Petit Palais, que traz o nome do offertante. Em recordação de tão valiosos donativos, a cidade de Paris condecorou o conde generoso, pondo-lhe ao peito, por intermedio do prefeito do Sena, uma esplendida medalha. O homenageado agradeceu com palavras eloquentes, fazendo sentir que essa recompensa era a mais bella que elle podia imaginar.

TEVE logar, de 11 a 13 de Janeiro, em Grindelwald (Suissa) o 11° campeonato inglez de ski, que foi organizado pelo "Kandahar". As provas constaram de slalom para mulheres e para homens e de duas corridas de descida. "Skieurs" de todas as nações participaram do campeonato, que é defeso aos patinadores remunerados. O "Kandahar" gosa de enorme reputação nos meios sportivos europeus. Sua direcção é de pensar que as provas dos jogos olympicos não devem ser disputadas senão por professores de patinação. O 11° Campeonato inglez de ski revelou a existencia de concorrentes serios aos provaveis vencedores dos torneios olympicos de Charmish.

O escriptor Paul Bourget, recem-fallecido em Paris, era por demais polido e gentil. Conta-se que uma só vez em sua vida o literato lamentou, até chorar, sua habitual cortezia. Numa tarde de verão, em 1914, o autor do "Discipulo" tinha ido visitar o director do "Figaro". Ao retirar-se do gabinete de Gaston Calmette, encontrou uma senhora vistosa, que ia entrar na saleta, sem pedir licença. Bourget deixou-lhe a passagem, murmurando: "— Queira entrar, Madame". — Ora, um minuto depois, ouviram-se duas detonações. A estranha, senhora de um ministro, acabava de committer um delicto, vingando-se das injurias assacadas contra o marido, no "Figaro".

# Caixa d'O Malho

CARMENCITA (Guaratinguetá) — Sinto decepcional-a. Ambos os contos estão fraquinhos. Talvez que seu talento literario se revele melhor noutro genero.

RAYMUNDO LEOCADIO (Pedras) — Vou ver se o secretario quer aproveitar o seu pequeno trabalho na secção "Nem todos sabem...". Não sendo literatura, não é da minha alçada.

JOSÉ VICTORINO (Rio) — Grato pela lembrança e pela intenção, mas os seus trabalhos são desinteressantes.

NILVO (Santos) — Ainda tenho a primeira copia da poesia. Guardei, porém, essa outra, por via das duvidas. O conto não serve. O enredo é muito fragil.

TOBIAS HESSE (São Paulo) — muito bom o seu trabalho. Esperemos que haja um pequeno espaço.

Capitão Paulo Rosas Pessôa, da arma de Artilharia, ex-instructor de educação physica do Collegio Militar desta capital, que foi agora designado para a guarnição do Forte de Copacabana.

Meninas Celia e Wanda Serpa. Wanda foi sorteada com um lindo relogio de pulso, 39° premio no "Concurso Brasil" promovido pelo "O TICO-TICO", o semanario preferido das creanças.

Nosso representante em Triumpho, Sr. Antonio Guedes, do alto commercio daquella localidade.

MOEMA BASTOS (São Paulo) — Com a maior franqueza: o soneto é bem ruinzinho. A falta de metro e de rythmo ainda o faz mais melancolico. Pois não ha nada tão triste, como um verso de pé quebrado. Quanto a renunciar á idéa de fazer versos, não me atrevo a aconselhar-lhe. E' um caso de... consciencia.

WARISDAL (Bahia) — Pede-me V. que indique os pontos do seu conto, para corrigil-o. Asseguro-lhe que, no seu trabalho não ha nada que se aproveite, a não ser, talvez, o papel, para accender fogo...

PSEUDONIMO (São Paulo) — Vá escrevendo, amigo. Vá treinando, que, daqui a algum tempo, V. ha de ter uma pagina d'O MALHO. Você é capaz de grandes progressos: de "Mlle." a "Scenas intimas", vae uma distancia quase infinita e V. já, a percorreu. Não lhe ha de ser difficil vencer uma nova etapa.

GUILHERME DA CUNHA (Petropolis) — Para aproveitar esta estação, a sua chronica vae sahir em breve. Primeiro que o conto, pois na frente deste, ainda ha muitos.

MINERVA (Rio) — Sua chronica está boa, mas não póde ser publicada. A ordem, aqui, é fugir da politica, quer nacional, quer internacional neste ultimo caso, se trate de nações muito ligadas á nossa vida. E a sua chronica é esplendidamente apaixonada, como toda pagina literaria de merito.

SEVERINO SOARES BRANDÃO (Recife) — Você é um poeta muito bem intencionado, mas só produz maus versos.

Talvez que o motor da inspiração não esteja muito bem lubrificado. De qualquer modo, acho que deve dar umas feriazinhas á sua Musa. Ella anda precisando bem disso.

HELIO C. TEIXEIRA (Rio) — Approvado. Agora, quando será publicado, é que não lhe posso dizer. Naturalmente, teremos que esperar um bocado, porque as gavetas de collaborações estão cheias.

E. C. (Recife) — O sentido, o thema central dos seus versos, é da mais pura poesia. A orchestração, o desenvolvimento musical do thema, é que não está á altura da phase original. E' como se a gente lêsse a traducção de uma bella poesia, feita por alguem que fosse bom traductor, mas não bom poeta. Creio que terá comprehendido as minhas restricções.

MACANO (Maceió) — "Diogenes" está muito distante do que foi publicado. Essa historia do louco que foge do Hospicio e se põe a philosophar, cá fóra, tem sido muito explorada. E V. não lhe deu uma versão original. As demais producções pertencem a um genero a que o seu talento ainda não se aclimatou.

JOAQUIM CALHEIROS (São Francisco) — Se esta é sua primeira tentativa poetica, não faça a segunda. E' melhor deter o mal, no principio. Se V. pega o vicio de versejar, adeus, viola!

DE CASTRO E SILVA (João Pessoa) — A "Illustração Brasileira" não acceita collaborações espontaneas. A direcção daquelle mensario agradece-lhe a intenção, mas não pode aproveitar-lhe os versos.

MENY (Rio) — A resposta veiu um pouco atrazada. Melhor assim pois, pelo menos, V. custou a desilludir-se. Olhe, moço, antes quebrar um braço do que desovar uma literaturazinha tão ruim. Se é isso que V. chama humurismo, benza-o Deus!

DRUMMONDINHA (Rio) Muito bons todos os seus trabalhos. Meus parabens. Só não posso aproveitar "Fantasias" porque não chegou com a necessaria antecedencia para apanhar a nossa edição de Carnaval.

DULCE RODRIGUES (Petropolis) — Envie os desenhos e veremos o que se póde fazer. Para a capa, é impossivel, por emquanto. Temos capas seis mezes. Mas, conforme a qualidade de suas illustrações, talvez possam ser aproveitadas no texto.

CATURRA JUNIOR (Rio) — Certamente, poderia ser melhor, pois o assumpto se presta a considerações mais profundas ou a mordacidade mais apurada, de accordo com o tom que lhe queira dar. Entretanto, revela qualidades muito apreciaveis: leveza de estylo e uma espontaneidade encantadora que, bem orientada, constitue ultima base de operações para vencer em literatura...

ESOJ (São Paulicéa) — Ainda não se acha em condições de ser publicado. Nem o ambiente, nem a linguagem estão fieis á época. E ha mais diversos absurdos: o *vampirismo* da heroina que só apparece para conquistar o filho do noivo; um duque de Condé, servindo de secretario a um conde qualquer e fazendo de mensageiro; o arranjo da mascara e muitas outras coisas. O conto não deve ser apenas verosimil: deve ser natural, ter um tom de verdade. E' por isso que se não deve confiar na imaginação.

DANIEL SILVA SANTOS (Araraquara) — Escreva para a Livraria Francisco Alves — rua do Ouvidor, 166 e ser-lhe-ão prestadas todas as informações que deseja.

FÓSTO (Rio) — Você já leu as poesias do cidadão Pingô!? Ia apostar que leu. Noto nos seus versos uma influencia muito vivo daquelle vate... A mesma tendencia para escrever bobagens. E a mesma coragem para enfrentar o ridiculo.

*Dr. Cabuhy Pitanga Netto.*

## O aeroporto para dirigiveis do Rio de Janeiro

O engenheiro Nicola Santo, incansavel trabalhador em pról do progresso da Aviação Civil no Brasil, presta-lhe, neste momento, mais um serviço, com a divulgação do *croquis*, por elle feito, do aeroporto para dirigiveis do Rio de Janeiro e que estampamos aqui.

# Broadcasting em Revista

## UMA NOVA RAINHA...

De quando em quando, o radio carioca é agitado por um plebiscito destinado a eleger rainhas e princezas.

O mais lembrado delles corôou Dallila de Almeida, ha cerca de anno e meio.

O sceptro real, porém, não podia ficar eternamente em poder dessa joven cantora, que acaba de ser desthronada.

Houve quem a aconselhasse a requerer um mandado de segurança...

Mas Dallila de Almeida não confiou, decerto, na justiça da nossa terra e, possivelmente, abdicará sem ser preciso derramamento de sangue...

Está, pois, empossada no elevado cargo de "rainha do radio carioca" a gentil senhorita Linda Baptista, figura de relevo na nossa sociedade, como diria um chronista mundano...

O leitor, que ha de ser ouvinte de radio, já escutou a nova soberana ao microphone?

Não?

Oh! Mas isso é um crime de lesa-magestade!

A moça toca bem violão, compõe optimos sambas e melhores marchas, canta com graça e expressão, é, emfim, uma artista completa!

Não lhe cabe a culpa, evidentemente, de não ser conhecida...

Os representantes das estações do Rio, que a elegeram em um severo escrutinio procedido a bordo do "yatch" dos "Laranjas", deverão estar loucos por contractal-a...

E' de admirar, até, que a tenham deixado continuar na "Cruzeiro do Sul"...

Deus queira que a rainha Linda — ou a Linda rainha — possua affinidades com o espirito das massas e consiga a estima do povo, como o fazem algumas rainhas de verdade...

*O. S.*

SPEAKER E COMPOSITOR

*Attila Nunes, o homem que a gente ouve sempre pelo microphone da P R E 6, "Radio Club Fluminense". E' tambem compositor, e foi quem compoz aquella marcha que vocês conhecem "Garôta dynamite", que tanto successo tem alcançado.*

## RADIOLETES

A "Mayrinck Veiga" foi a unica estação que não adheriu ao baile da "Tupy", realisado nos "Laranjas" e organizado por um argentino.

—

CINEARTE tambem está inserindo uma secção de radio, sob o titulo avançado de "Televisão". E' seu redactor o joven jornalista Hamilton Burus, elemento radicado ao ambiente radiophonico.

—

Além da projectada "Radio Inconfidencia", os mineiros cogitam de montar a "Radio Guarany".









## O Concurso Carnavalesco da "Radio Tupy"

### "QUERIDO ADÃO" TIROU O 1.º LOGAR EM MARCHA E "ESQUECI DE SORRIR" EM SAMBA

No Carnaval que passou uma das notas de maior interesse foi o concurso da *Radio Tupy* para escolha das melhores marchas e sambas.

Após um decurso animador, a votação popular consagrou dez composições de cada especie.

Um jury especial fez, por fim, a classificação definitiva, dando o 1.º logar em marcha a "Querido Adão", de Benedicto Lacerda e Oswaldo Santiago, cabendo-lhe o premio de 2:000$000.

Em samba, "Esqueci de sorrir" de Russo, alcançou a 1.ª collocação e identico premio.

As marchas "Bronzeada", de Paraguassú e Moysés Friedman, e "Morena", de Roberto Martins, tiraram o 2.º e o 3.º logar no genero, o mesmo acontecendo com os sambas "A infelicidade me persegue", de Assis Valente e "No Terreiro", de Saint Clair Senna.

Do jury em apreço fizeram parte a Sra. Ilka Labarthe, os Srs. Ayres de Andrade, Luiz Marques Filho, Ataulpho Alves, Alcebiades Barcellos, Luiz Marques Filho, Leonidas Artuori, Ruy Leão e o jornalista Francisco Galvão.

## O RADIO E O CARNAVAL

Entre as festas de Carnaval em que o Radio esteve interessado, a mais distincta, sem duvida, foi a que o "Programma Casé" offereceu nos salões do Botafogo F. C., aos seus ouvintes, artistas e annunciantes.

Ambiente bem escolhido, concurrencia seleccionada, animação e alegria, eis os caracteristicos do baile promovido por Adhemar Casé, que se vê, phantasiado de "yatch-man", na photographia que illustra estas linhas.

## BRÊQUES

— Viste? No Carnaval, este anno, só deu phantasia de marinheiro

— E' verdade. Até as musicas mais populares foram cantadas pelo Almirante...

## UM DIRECTOR HOMENAGEADO

*A Radio Guanabara prestou ha dias uma significativa homenagem ao seu director, Dr. Alberto Manes. Vê-se nesta photographia o homenageado entre os manifestantes.*

# A SERPENTINA AZUL

As maiores tragedias são pequenas diante de certos episodios de rua. Ha pequeninos factos que passam em tres linhas pelo noticiario policial e que encerram uma infinita amargura.

Assim foi o caso dessa creança, atropelada por um automovel em uma batalha de confetti, quando ia apanhar uma serpentina...

E' um caso banal, de todos os dias. Um atropelamento...

Mas quanta melancolia!...

Era uma creança de oito annos. Uma menina pobre. Estava ali, naquella calçada, enchendo os olhos com os coloridos das fitas de papel que passavam, pela sua cabecinha, muito alto, descrevendo curvas no espaço, numa visão bonita como um conto de fadas.

Ella não tinha serpentinas para atirar... Contentava-se, vendo as outras creancinhas mais felizes, dentro de automoveis, cantando e jogando muito longe as suas serpentinas azues!...

Uma tentação assaltou-a. Como devia ser bom e divertido jogar no espaço um carretel daquellas fitas, e vel-as desdobrar-se no ar como uma cobra sem fim... Oh! Como devia ser divertido!

Neste momento, cahe entre dois automoveis, uma serpentina quasi intacta. A menina precipita-se. Vae agarrar o seu sonho... No mesmo instante, o corso põe-se em movimento. E sob as rodas, a serpentina desdobra-se, sem subir no espaço, arrastada pela pequenina agonizante...

—o—

Nós todos somos um pouco como essa pobre e infeliz garota. Sonhamos muito com as mais lindas serpentinas do mundo. Mas, quando pensamos tel-a agarrado, ella se desfaz com os nossos sonhos, sempre bonitos demais, a nossa serpentina azul...

BENJAMIM COSTALLAT

A praça Tiradentes, em Ouro Preto. Ao centro, o monumento ao Martyr da Inconfidencia Mineira. Ao fundo, o velho Palacio dos Governadores.



Assignalada a setta, a casa onde residiu, em Ouro Preto, Thomaz Antonio Gonzaga

# THOMAZ GONZAGA ANTONIO

## (OS MASCARAS DA INCONFIDENCIA MINEIRA)

LIMA JUNIOR, meu bom amigo de infancia, molhando a sua penna de bardo na veia terna da nostalgia, em que definhamos todos nós, filhos espirituaes da cidade spartana de Ouro Preto, ha varios domingos estampa, pelas columnas do "Jornal do Commercio", artigos magnificos pelas novidades, que revelam e pela delicada tessitura, em que se urdem, evocando as figuras dolentes de Gonzaga e da sua infeliz Marilia, no fundo amethista de uma saudade, que é o proprio scenario tristonho e nevoento de Villa Rica.

Humilde estudioso da historia mineira, pediria licença a Lima Junior para, sobre dois topicos da sua publicação de 19 do mez p. findo, offerecer breves informações que, longe de contestarem as suas affirmativas, talvez concorram para mais as robustecer.

Como já accentuei certa vez, é por demais acceitavel a versão, aliás esposada pelo meu saudoso mestre Augusto de Lima (*senior*), da cumplicidade intellectual do Visconde de Barbacena no episodio da Inconfidencia Mineira.

Por mais extranha que pareça essa affirmativa, tem ella por si argumentos bem apreciaveis e, perdôe-se-me a immodestia, só quando vier a lume o trabalho, que estou valisando, da publicação integral dos autos da Inconfidencia Mineira, é que se fará luz sobre as milhares de paginas e documentos, que ali se amontoaram, tornando possivel uma analyse do conjuncto e a elucidação desse e de outros pontos da tragedia culminante da nossa historia.

Por emquanto accentuemos, e é o proprio Barbacena quem o attesta, haver recebido a denuncia oral de Joaquim Silverio a 19 de Março de 1789, ao passo que só a 11 de Abril veio ter ás suas mãos a denuncia escripta do primeiro trahidor, e sómente a 12 de Junho é que o Visconde de baixa portaria determinando abertura da devassa, em Villa Rica.

Como se vê, durante quasi tres mezes Barbacena tergiversou, delongou, procrastinou, dando tempo a que os Inconfidentes agissem, desembaraçadamente, num assumpto em que, depois, a prova do simples conhecimento não revelado dos factos ás autoridades bastou para levar gente ao degredo, como se deu, e é facil de o provar, com o fidelissimo subdito de Maria Primeira, o pseudo inconfidente Vieira da Motta.

"Marilia de Dirceu", a mais romantica figura que surgiu no drama da Inconfidencia.

Mas, Joaquim Silverio, cuja participação este sim, é notoria na Inconfidencia, procurando dar novo rumo ás suas mesquinhas pretenções, não concordou com a attitude do Visconde e tanto insistiu na sua delação, que Barbacena se viu na contingencia não só de a receber por escripto, mas, ainda, de remetter Iscariotes ao Vice-Rei, que, promptamente, determinou as mais severas providencias.

O confronto de duas datas é o sufficiente para pôr em destaque a acção frouxa de Barbacena: Tiradentes foi preso, nesta Capital, a 10 de Maio, e só a 12 do mez seguinte Barbacena baixou portaria mandando que se instaurassem as devassas.

Até particulares tinham conhecimento da prisão do Alferes, facto que, a 27 de Maio, Pamplona communicara a Barbacena, do Mendanha.

O facto das delações já havia transpirado, mas a confiança dos Conjurados em Barbacena era tanta que, sem a menor tentativa de fuga, Gonzaga só foi preso a 23 de Maio e Claudio a 25.

Ha, ainda, nos autos da Inconfidencia uma passagem que denota algo do referido: lemos, no depoimento da decima quinta testemunha, Antonio José Soares de Castro, tenente coronel do Regimento dos Pardos da Villa do Principe, bacharel formado em Canones, e que tinha a esse tempo trinta e cinco annos e advogava em Villa Rica, as seguintes palavras:

"E proguntado pelos referimentos que nelle fizerão as testimunhas do numero nono o Tenente Coronel Basilio de Britto Malheiro do Lago, e a testimunha tambem referida José Joaquim de Oliveira, disse emquanto ao primeiro referimento ser verdadeiro, e que com effeito o Doutor João de Araujo morador no Rio das Mortes, dissera na presença delle testimunha e do dito Tenente Coronel Basilio de Britto, que o Illmo. e Exmo. Vis-Conde de Barbacena Governador e Capitão General desta Capitania havia de ser o governador mais disgraçado, que tinha vindo a esta Capitania, e proguntando-se-lhe porque razão *disse que por se ter mettido a entender com os clerigos* (o grypho é meu) *cuja razão elle testimunha não sabe, si foi dita pelo referido Doutor João de Araujo seriamente, ou por fugir dizer a razão verdadeira*".

Ora, é sabido que nada menos de cinco sacerdotes de Christo estiveram mettidos na conjura de 1789: o padre Carlos Corrêa de Toledo e Mello, homem de grande prestigio na Comarca do Rio das Mortes; o Conego Luiz Vieira da Silva que se diz ter sido o "mais instruido e o mais eloquente de todos os conjurados"; o padre Manoel Rodrigues da Costa, que ainda veio a tomar parte na primeira Constituinte Brasileira; o padre José da Silva e Oliveira Rollim, abastado e intelligente, figura de notavel projecção na zona do norte de Minas; o padre José Lopes de Oliveira, parocho em Borda do Campo.

Seriam, necessariamente, esses os clerigos a que o doutor João de Araujo se referiu.

Interpellado, não quiz ser mais explicito. Ha outro episodio interessante referido pelo Dr. Lima Junior e sobre o qual se procurou nos autos da Inconfidencia, fazer luz, mas, não o conseguiu, restando, afinal, uma interrogação compromettedora para Barbacena.

Refiro-me a vultos embuçados, que teriam transmittido avisos mysteriosos aos inconfidentes para que destruissem logo documentos compromettedores que possuissem.

Na realidade essa é a versão oral, conhecida por todos e registrada pelos nossos historiadores. Mas, como disse, a prova official é bem outra, e quem sabe para encobrir mais uma demonstração de connivencia de Barbacena com os seus companheiros de conjura, enviando-lhes, pelo recurso de que então podia se servir um aviso e um conselho.

O que não ha duvida é que, tendo sido preso Tiradentes, nesta Capital, a 10 de Maio, o Vice-Rei transmittiria immediatamente ordem a Barbacena para recolher aos segredos os cumplices de Villa Rica.

Essa ordem foi, realmente, levada á Capital das Minas, com a maior celeridade, pois já a 23 desse mez era preso Gonzaga e a 25 Claudio Manoel. Pois apezar do sigillo que sobre tudo se deveria guardar, os inconfidentes receberam avisos por mascaras para que se precatassem. O facto veio logo a publico.

Casa em que residia Claudio Manoel da Costa e onde lhe teria sido levado o estranho aviso.

"O Balcão dos Inconfidentes", uma reliquia historica de Ouro Preto.

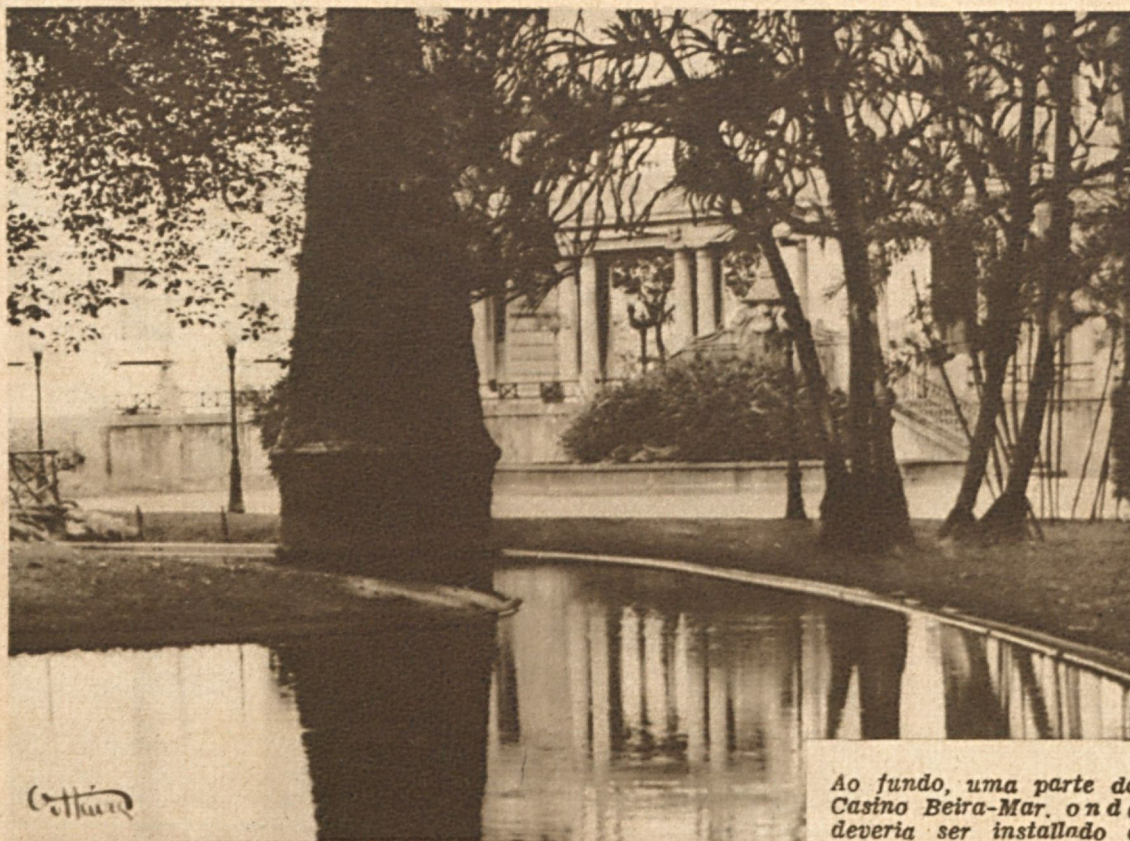
Barbacena sentiu o peso da suspeição que sobre elle cahiu, e sangrando na vela da saude, mandou que se apurasse o caso.

Eis um curioso documento, que transcrevo *ipsis litteris* dos autos da Inconfidencia:

"Attesto que achandome de semana como ajudante de ordens do Illmo. Exmo. Sr. Visconde de Barbacena, governador e Cappm. Genal. desta Capitania se fizerão por ordem do m.m gal. algumas delig as particulares para averiguar, se algum homem embuçado tinha hido de noite pelos dias dezasete ou dezoito de Maio a Casa do D.or Claudio Manoel da Costa, entrando pelo quintal, e o chamara battendo-lhe na janella p.a o avizar, que o havião de prender ou a alguns outros: e que não tendo resultado certeza alguma das d.as delig. as fora finalmente chamado o m.mo. D.or Claudio Manoel da Costa, e lhe perguntei da parte de S. Ex. pelo referido facto, ao que respondeu que era falso em quanto ao tempo e forma delle mas sim acontecera que sahindo elle de seu escriptorio acompanhando uma visita até á porta da sua casa já de noite, parara defronte delle huma mulher ou homem disfarsado nesse trage, que elle não conhecera pedindo-lhe que o ouvisse em particular porque tinha cousa muito importante que dizer, sem que para isso quizesse e por nenhum modo entrar para dentro; e então ahi mesmo lhe dicera em segredo, que se ausentasse porque o havião de prender, e que se tivesse alguns papeis q. lhe fizessem mal, que os queimasse; e me certificou que este facto succedera passados munto pouco dias depois da prisão do Dez.or Thomaz Antonio Gonzaga feita nesta villa no dia vinte e tres de maio do anno passado. Tudo referido passou na verdade e asim o juro pello Habito que professo e para constar onde convier passei a presente que escrevi e assignei Villa Rica, 13 de Janeiro de 1790".

Antonio Xavier de Rezende, Ajud.e das Ordens (fls. 123 e v. dos Appensos e Devassa de Minas Geraes-2-1).

Veremos em tempo como é inveridica esta attestação e concluamos que ha muitos mysterios no céo e na terra, mais do que sonha a pobre philosophia de Horacio.

JOSÉ AFFONSO MENDONÇA DE AZEVEDO

*Ao fundo, uma parte do Casino Beira-Mar, onde deveria ser installado o Museu da Cidade.*

# O MUSEU DA CIDADE

(C. AZEVEDO MARQUES)

NÃO se comprehende que a capital do paiz — a cidade maravilhosa — cujo patrimonio historico é, talvez, um dos mais ricos do Brasil não possua ainda o seu museu historico. O prefeito Prado Junior autorisou a creação desse util e patriotico instituto. O que existe, porém, não vae além de um decreto e de uma sala, num propric municipal, onde se encontram, amontoadas, preciosas reliquias e documentos das mais eloquentes phases da nossa historia.

Parece, porém, que a Camara Municipal e o prefeito carioca cogitam em tornar realidade essa importante obra de patriotismo. Nada poderá justificar o desinteresse na construcção e organisação de um museu da cidade.

O valor educativo, turistico e de preito ao passado representa um museu, está universalmente reconhecido. Não obstante as enormes difficuldades economicas que o mundo supporta nesse momento, muitos governos têm applicado enormes verbas na fundação e conservação de museus publicos e particulares. Ainda recentemente, no Porto, acaba de ser fundado o Museu Guerra Junqueira. O Mexico, a Argentina, o Uruguay, o Chile e, principalmente, os Estados Unidos e a Russia, dedicam especial carinho a essa cultura, ampliando sempre os seus objectivos, atravez de louvaveis iniciativas.

---

E de tal forma se tem desenvolvido a creação de museus, que por iniciativa do Instituto de Cooperação Intellectual, em 1934, realisou-se uma conferencia, em Madrid, com representações dos principaes paizes, com o fim de estudar a architectura e disposição dos museus. Foram, então, debatidas importantes e variadas theses que, codificadas, formaram a base de uma nova sciencia: a museographia.

---

A localisação dos museus foi um thema que mereceu acurado estudo. O conjunto que deve rodear os museus; a sua construcção; a decoração das salas; a disposição e o formato dos mostruarios foram assumptos de profunda observação, ficando provada a influencia desses factores na attracção dos visitantes, no realçar dos objectos e na influencia sobre os estudiosos. O Sr. Pedro Ernesto, si deseja de facto realisar essa grandiosa obra de educação e patriotismo, deve levar em consideração as experiencias colhidas na Conferencia de Madrid.

O Centro Carioca, entidade que muito tem cooperado com os poderes, levantou a idéa, sendo secundado pela imprensa e pelo legislativo municipal, de se construir o Museu da Cidade, no edificio do Casino Beira-Mar, no Passeio Publico. Não póde existir idéa mais feliz.

---

O Passeio Publico é um dos mais bellos recantos do Rio de Janeiro. Primeiro jardim carioca, nascido em 1779, por iniciativa do vice-rei Luiz de Vasconcellos, auxiliado por Mestre Valentin, surgiu da antiga Lagôa do Boqueirão da Ajuda. Nelle, em seus cafés cantantes, formou-se a nossa bohemia. Sob as sombras de suas frondosas arvores, passearam as nossas primeiras romanticas, escrevendo, com seus bem-amados, as nossas primeiras chronicas de amor. Foi nelle, que as primeiras mundanas, que a França nos exportou, ensinaram á nossa "jeunesse dorée" os requintes da graça e da moda e as subtilezas do amor, segundo, com brilhantismo, descreveu Lima Barreto. Bilac chamou de "Pantheon de Artistas e Poetas", após ter cantado a sua natureza e tradição.

Cidade de turismo, o Rio necessita da creação desse museu. Enorme, riquissimo e precioso, é o patrimonio historico da cidade. A sua conservação se exige. Quando, no intuito de educar o povo, se organisa uma Universidade, não póde ser despresado o auxilio precioso que trará, a essa obra educativa, um museu historico.

*Um trecho do Passeio Publico.*

# A EVOCAÇÃO MUSICAL

A musica, todo o mundo sabe, é a mais evocadora das artes. Leva-nos sempre para longe no espaço ou no tempo. A recomposição literaria das evocações simultaneas que um trecho de musica opéra em nós, só poderia ser obtida por um perfeito abandono da logica, e daria uma figura literaria muito proxima de uma tentativa suprarealista. A musica é o appello ao vago. Dahi o temor que della tinha William James. E' a precipitação de todo o rythmo da vida, mas fóra do presente. E' o appello de vozes esquecidas, de sentimentos adormecidos, de figuras que passaram por nossa vida, levemente. E' a paysagem de nossa infancia ou de nossa adolescencia que volta. E as vozes do coração falam de mansinho. Tudo o que fugiu, retorna. Mostra-se não apenas como foi, mas envolto no manto que o tempo teceu em torno desses seixos rolados, esquecidos e recobertos pela areia da vida. E a commoção que nos invade o peito e põe lagrimas nos olhos, não é apenas a nossa volta ao passado. E' a volta do passado a nós, hoje, agora, aqui, com tudo o que a vida depositou em nosso espirito. E' um novo passado. Diverso do que foi realmente e por isso mesmo muito mais commovente. E tanto assim é, que, se fizermos um esforço para, — no momento em que a musica opéra em nós essa libertação dos tumulos, — tomar de uma recordação precisa e a isolarmos de tudo mais, para a revivermos totalmente, como foi, — a emoção decahe logo. Pois não é apenas a reposição do passado que nos commove e sim a sua evocação de envolta com tudo o que succedeu depois. A doçura da saudade não é reproducção do que passou e sim a sua combinação com o que sentimos depois ou agora. O que a musica nos traz, portanto, de tão sublime e de tão proprio é uma nova vida, differente de tudo o que se passou e o que somos e no entanto feita de tudo o que em nós ha de disperso e de abandonado. E tudo isso, desligado de responsabilidades, se é possivel dizer, sem contornos precisos, sem possibilidade de uma analyse logica, sem coherencia interna. E' uma tentativa de ubicuidade que realizamos ao appello mysterioso do som. E essa despersonalização por minutos, se compensa de como que pela formação de uma nova pessôa em nós, composta de fragmentos do que fomos, do que somos e do que desejamos ser. A evocação musical portanto não é apenas uma sentimentalidade banal, e sim, o mais mysterioso dos appellos que a arte póde realizar em nossa vida. Pois é afinal uma verdadeira transfiguração, que vae ligar-se intimamente á prece.

TRISTÃO DE ATHAYDE

Illustração de P. Amaral

# Dê uma forçinha...

Mario Sette

Ha encontros, de publico, que são verdadeiras torturas. Ou porque os encontrados nos agarrem e custem a nos largar; ou porque nos façam pedidos irrealizaveis; ou porque falem alto e chamem a attenção de todo mundo. Sobretudo os que nos contam, aos berros, bravuras que commetteram e desaforos que pronunciaram, de forma que os transeuntes ficam pensando estar se passando o caso comnosco. Temos de sorrir, de disfarçar, de dizer uma bobagem qualquer em tom de amabilidade afim de destruir o falso juizo alheio.

E' o diabo!

Commigo já se deu uma de encabular bastante. Cousas dos meus primeiros annos de funccionario postal, de que tanto episodio curioso guardo no meu caderno de memorias.

Eu trabalhava na secretaria, com o Pernet, o Mario de Souza, o Olympio Galvão, o Annibal Bruno. Viviamos mergulhados naquella engrenagem burocratica, a dar entradas em papeis, emittir pareceres, redigir officios. A mim, especialmente, competia esta ultima tarefa. Talvez pela possivel habilidade de contar historias.

Nessa epoca, um moço nosso conhecido, o Misael Penna, relojoeiro no bairro do Recife, fizera um contracto com a repartição para dar corda, acertar e concertar todos os relogios do Correio, mediante uma razoavel mensalidade. Todas as manhãs, pontualmente, como convinha á sua profissão, vinha o Penna de secção em secção, pondo em harmonia os mostradores, disciplinando os ponteiros, equilibrando as pendulas, ajuizando as campainhas e auscultando os tic-taques...

Elle cumpria assiduamente o seu compromisso e, por isso, queria ser pago com pontualidade. Esse pagamento, entretanto, era feito, com mil formalidades, na Delegacia Fiscal. Era preciso uma conta em tres vias, informações de todos os chefes de secções a respeito da regularidade dos relogios, exactidão de estampilhas, parecer da Contadoria, despacho do administrador e officio ao Delegado Fiscal.

O Penna não nos deixava, em começos do mez, sempre com a sua phrase-refrão:

— Dê uma forcinha na minha conta...

Nós o attendiamos como podiamos. E a sua phrase costumada, dentro da repartição, não tinha a menor malicia, tão conhecida era. Lá fóra tinhamos um medo damnado della por causa das más interpretações que provocasse entre extranhos que a ouvissem.

Uma tarde, entretanto, eu ia no meu bondezinho de burros, com destino a Capunga, onde residia, lendo o Jornal Pequeno. O carro, na rua Nova, parou defronte do beco de Santo Amaro para tomar a sóta e subir a ponte. Muita gente, ali, como de costume, aguardando seus bondes ou espiando as pernas das moças. E, entre ella, o Misael Penna.

Estavamos em começo do mez. Eu o vi e não pude me esconder. Tive o presentimento da coisa... Com um embrulho de pão debaixo do braço, o Penna avança para o meu banco e com o seu ar humilde, a sua voz adocicada de credor que desconfia da lisura do devedor, grita:

— Mario, dê uma forcinha na minha conta...

Quiz tentar uma explicação. Era tarde.

Os burros arrancavam ás chicotadas do bolieiro, de rampa acima. E eu mergulhei a cara no jornal.

**(Do meu caderno de memorias).**

# FLORES...

"Toma, disse-lhe eu, estendendo-lhe o açafate florido... Toma!... São flores, flores lindas, perfumadas, bizarras..."

Olhou-me, docemente; olhou o açafate num leve adejar das pupillas escuras, e quedou-se silencioso...

"Que?... fiz-lhe admirada e dolorida. Não nas queres?... Não me disseste que amas as flores, que só ellas te sorriem á tua alma enamorada e sonhadora?..."

Ergueu-se o triste, e, como que despetalando as palavras, falou-me:

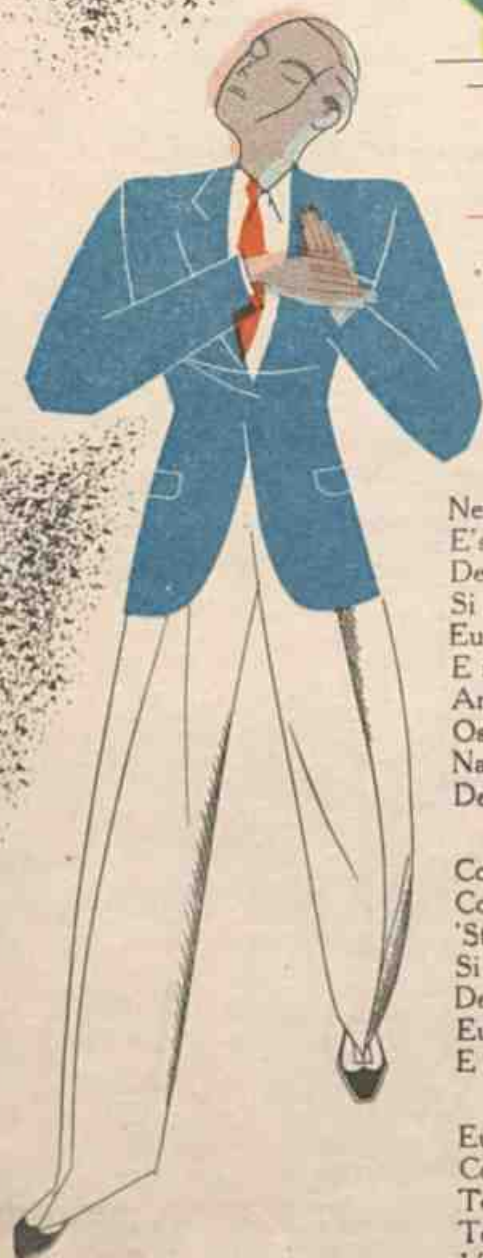
— "Não são estas as flores que amo; são da terra, são palpaveis... fenecem... As flores que me bastam, que me embriagam com o seu perfume exquisito, são as que se colhem no jardim do sonho... Suas petalas, da cor que desejares, têm a fluidez e a doçura dos raios das estrellas; seu perfume possue a penetração de todas as distancias... São flores immarcessiveis, minha amiga, flores que mudam de aspecto, de uma ansia para outra ansia, de um anhelo para outro anhelo, de sonho para sonho, mas sempre vividas, sempre formosas, sempre embriagadoras..

Toda essa riqueza polychroma que me podes offerecer num conjuncto de rosas, de cravos, violetas, agapanthos e narcisos, não vale a suavidade auroral de um lyrio de meus sonhos... Pudesse eu copial-o e descrevel-o e a tua mente maravilhar-se-ia do jardineiro bizarro que sou... Figura o pendunculo esguio e verde de uma esperança, e, encimando-o, o diadema crystalino de um anseio e terás o meu lyrio perfumado pelo aroma inegualavel de um desejo...

E as minhas rosas feitas de luares e de fantasia, os meus cravos ungidos de confiança, as minhas magnolias banhadas de esthesia?

Ah! minha amiga, não são as flores da terra que eu amo; são as que vivem dentro de mim, que me consolam e perfumam, flores raras e immortaes, que o meu sonho insaciado de artista concebe e que a saudade — como um orvalho bemdicto — conserva sempre vividas e lindas..."

LEONOR POSADA

# AMOR FATAL

Nenem, Nenem, Nenem,
E's meu,
De mais ninguem !
Si queres que eu te mate, Nenem,
Eu mato, meu bem,
E morro tambem . . .
Amor fatal,
Os nossos retratinhos sahirão
Na quarta edição
De um jornal.

Com a vida toda desorganizada,
Com a **bossa** virada
'Stou n'um becco sem sahida,
Si tu não deixas
De uma vez a malandragem,
Eu me encho de coragem
E escangalho a tua vida !

Eu ando agora
Com um peso do diabo
Teu amor é muito brabo
Teu amor é um sacrificio !
Vou acabar
Com a pobre da Perúa
Que não póde andar na rua,
Internado n'um hospicio !

LUIZ PEIXOTO

**Por Pierre Billotef**
**Desenho de Castro**

# O BARBEIRO DA LOÇA

Ao despertar, Jacques Monestier bocejou, cinco ou seis vezes, não porque tivesse somno, mas porque estava enfastiado. Acto continuo, vestiu-se, abriu a janella do seu quarto, olhou para o céo plumbeo e, depois, contemplou as ondas placidas e a praia arenosa que alguns banhistas já palmilhavam.

— Como passar o dia, hoje? — monologou.

Havia tres dias, chegara a Sainte — Hermine, uma pequena estação de veraneio onde menos afortunadas vêm passar as férias.

Jacques fugia de Paris, depois do rompimento com Magdalena, mulher infiel e de mau caracter que, dois annos, antes, começou a fazel-o soffrer terrivelmente.

O peor é que, quando ellas nos tornam desgraçados por espaço de dois annos, não é possivel esquecel-as em tres dias.

E Jacques, embora livre de um amor infeliz, ainda padecia. A's vezes, sentia-se tentado a tomar o trem para ver Magdalena, que o enganava, o injuriava com palavras grosseiras e o dominava.

Naquelle momento mesmo, Jacques pensou nella e suspirou.

— Nunca imaginei que deixaria um vacuo tão grande em minha vida! — murmurava — Não porque a ame, mas porque sinto falta della. Não posso viver sósinho. Tenho que casar-me.

Ao cabo de alguns minutos, afastou para longe tão graves reflexões e matutou como havia de passar a manhã.

— Eureka! — exclamou, passando a mão pela cabeça — Para começar, vou cortar o cabello.

Ao descer a escada do hotel, esbarrou com uma domestica.

— Diga-me, senhorita, ha barbeiros em Sainte Hermine?

— Naturalmente, cavalheiro. Lá no fim da aldeia é que mora o barbeiro.

Pensando sempre em Magdalena, o viandante poz-se a caminhar pela estrada, flanqueada de "villas" de tijolo e gesso e de "vivendas" de pedra, e entrou num cigarreiro para informar-se.

A vendedora de cigarros disse-lhe logo:

— Um barbeiro? Olhe aqui um, senhor.

E mostrou-lhe, na rua, um rapagão que ia olhando para o alto com uma valisa sob o braço.

Jacques acercou-se do desconhecido.

— O Sr. é o barbeiro?

— Sim, Sr. — respondeu o outro, distrahidamente, sem deixar de olhar para cima.

— Quer cortar-me o cabello?

— Com muito prazer. Já.

— Então, vamos.

— Vamos.

Sem mais, ambos puzeram-se em marcha, cada qual pensando que seguia o outro.

Jacques suppoz que o barbeiro o conduzia a seu estabelecimento. O barbeiro, que não tinha nem salão nem casa, e trabalhava "a domicilio" achava-se persuadido de que o parisiense o levava á sua casa.

Incommodado pelo sol, Adolpho, o barbeiro, atravessou a rua, afim de caminhar na sombra. Agiu mal. Jacques julgou que a casa fronteira era a loja do figaro, e deteve-se á sua porta. Por seu turno, Adolpho suppoz que era a casa de Jacques, e mandou-o entrar, com deferencia:

— O Sr., primeiro faça favor!

Juntos entraram, penetrando logo num quarto onde reinava a maior desordem. Ao pé do leito, revolto, cuja coberta attingia o soalho, via-se uma camisa de dormir em mistura com chinelos e meias de seda claras. Diversos trajos de mulher amontoavam-se nas cadeiras.

Ante aquella "bagunça", Jacques pensou na desmazelada que devia ser a esposa do barbeiro. Este, de seu lado, sorria ao constatar o abandono de que davam mostras as damas de Paris...

O parisiense sentou-se commodamente junto ao toucador e notou com desgosto que a saboneteira estava cheia d'agua de sabão bastante suja. Para cumulo de caiporismo, a pequena cuba ameaçava entornar.

Apesar disso na loja fluctuava um perfume delicadissimo que ninguem poderia encontrar numa barbearia do interior.

Calmamente, Adolpho collocou na mesa de mormore tesouras, pentes e navalhas, perguntou ao freguez como queria o cabelo e enrolou-lhe em volta do pescoço uma toalha humida que se achava em cima do toucador.

— Não, não — pediu Jacques — Ponha outra, limpa. E indicou o armario entreaberto, onde se viam peças de roupa branca.

Sem replicas, Adolpho obedeceu. Tirou do armario o que desejava e voltou com uma magnifica toalha para começar, a seguir, o trabalho.

Os cabellos de Jacques cahiam em mechas ao chão. Adolpho não descansava um momento, e já tinha concluido a metade do serviço, quando, de repente, ambos ouviram, a suas costas, um grito de mulher que exclamava:

— Que é isto, meu Deus?

O esfolacaras e o freguez viraram o rosto e viram uma banhista que permanecia no humbral da porta, com os braços extendidos, pingando agua de todo o corpo. E' que a mulher voltava do banho e ficou surpresa ao deparar em frente a seu toucador, no seu quarto, com um homem a quem desconhecia e que se fazia cortar o cabello com a maior tranquillidade deste mundo.

Jacques poz-se em pé, meio contrafeito, com o rosto e o nariz coberto de pellos pretos, ouvindo com assombro os protestos da banhista.

— Que "topete"! — gritava a joven — já se viu isso! O Sr. é um atrevido muito grande!...

— Mas... onde é que estamos, "seu" esfolacaras? Não é em sua casa? — inquiriu Jacques ao barbeiro.

— Não, Senhor. Infelizmente... Eu julguei que era o Sr. que morava aqui...

A banhista, ao ouvir taes palavras, comprehendeu o occorrido, e recobrou a calma. Depois, sorriu, porque o intruso lhe havia parecido bem sympathico. Tambem era sósinha e se aborrecia bastante na aldeia.

Jacques pediu desculpas, e ella replicou:

— E' cedo para me dar satisfações. Depois que o barbeiro acabe o trabalho, eu as acceitarei. Com licença, vou vestir-me.

E assim, por acaso, Jacques travou relações com uma linda viuvinha, que será sua esposa... Um homem de pello.

# NO BAILE DE GALA DO MUNICIPAL

Uma das notas de elegancia do triduo de Momo, este anno, foi o grande baile de gala do Theatro Municipal. Aqui apparecem algumas das mais lindas phantasias em photographias tiradas especialmente para "O Malho".

# O JAPÃO FARÁ A GUERRA Á RUSSIA ?

Por DE MATTOS PINTO

*Forças navaes russas, no Mar Negro.*

*Litvinoff, ministro das Relações Exteriores da Russia.*

A rivalidade russo-japoneza desabrochou nos fins do seculo XIX. Em 1894, uma revolta interior agitou a Coréa, gerando consequencias funestas e marcou a phase primaria do predominio japonez na Asia. Procurando auxiliar a Coréa, a China enviou dois mil soldados para que a sublevação fosse jugulada, o mais breve possivel. O Japão entendeu ser excellente opportunidade, a sua intervenção na contenda, e desembarcou no territorio coreano, cerca de oito mil homens, occupando a capital e os portos da provincia chineza. Foi nesse momento, que o Japão offereceu a sua alliança á China, fazendo ver a necessidade de reorganizar a Coréa administrativamente e politicamente, subtrahindo-a da influencia das potencias estrangeiras. Na realidade, a proposta do Mikado tinha um alvo mais amplo e mais audacioso, seria talvez a união dessas duas nacionalidades contra os invasores do Occidente. O governo da terra dos Mandarins recusou o projecto ideal, sem comprehender todo o alcance dos liga dos dois povos, e o destino que ella representaria na libertação da Asia. O incidente da Coréa se complicou. No dia 1º de Agosto de 1894, a China declarou guerra ao Japão, e pela primeira vez, a Europa e os Estados Unidos, perceberam a força da nova civilisação, que desabrochava no Extremo Levante.

Oito mezes de batalha e os chinezes confessavam a derrota das suas armas. Pelo Tratado de 30 de Março de 1895, o Imperio Celeste foi obrigado a ceder ao Imperio Japonez alguns territorios, como Wei-Hai-Wei, Chantung, Porto Arthur, a Ilha Formosa e a Ilha. dos Pescadores. Nesse momento jubiloso para o povo nipponico, a Russia fez a sua primeira intervenção violenta na actividade expansionista do Imperio do Sol Nascente. As victorias japonezas contra a China, foram annulladas por um golpe de força das potencias européas. A supremacia do Imperio dos Shoungs sobre a nação dos Mandarins, irritou a omnipotencia da Europa. E viu-se uma coisa imprevista e espantosa, em materia de cynismo internacional. A Inglaterra, a Russia e a Allemanha se reuniram constituindo o conluio usurpador que a historia conhece sob o nome da "Triplice Alliança", e tomaram, á força, as possessões conquistadas pelos japonezes, na guerra contra a China. Despeitada com o rival amarello que ella via surgir em pleno continente asiatico, nas fronteiras da Siberia, a Russia procurou anniquilar a frota nipponica em caso de resistencia. Deante de tres nações mais civilisadas e poderosas, o Japão contemporisou entregando os territorios conquistados em oito mezes de guerra. A Inglaterra se apoderou de Wei-Hai-Wei, a Russia usurpou Porto Arthur e a Allemanha tomou Chantung. Mas novos dramas internacionaes convulsionaram a alma asiatica, e em breve se offereceu ao Japão o ensejo feliz de punir um dos membros da "Triplice Alliança", que havia despojado a raça dos Samurais das suas legitimas conquistas.

## O IMPERIALISMO RUSSO E A MANDCHURIA

Ha algum tempo, os russos estavam penetrando no territorio da Mandchuria, ameaçando a soberania dessa região e a integridade da China. Em 1899, o governo imperial de Petersburgo fez ligar Porto Arthur, á linha de ferro transiberiana. A invasão crescente do solo mandchú pela Russia significava para o Imperio do Sol Nascente a perda visivel, num futuro mais ou menos proximo, do dominio da Coréa e dos proprios interesses na Mandchuria. Estando a Coréa em frente ás ilhas do Mikado, offerece uma excellente base militar para operações contra o Japão, que se veria atacado em plena visinhança do seu littoral. Em Julho de 1903, o governo imperial de Tokio poz em actividade a diplomacia, para entrar em accordo com a Russia, relativamente aos interesses nipponicos na Mandchuria e na Coréa. A diplomacia do Mikado propoz ao Tzar Nicolau II cinco quesitos para solucionar o problema russo-japonez naquellas regiões do continente asiatico. O accordo foi rejeitado. O Tzar Nicolau II, na resposta dada a 3 de Outubro de 1903, negou-se a evacuar a Mandchuria, e exigiu do Japão que estabelecesse a neutralidade de uma parte da Coréa. Em Novembro o governo de Tokio notificou que, "tendo em vista os interesses commerciaes na Mandchuria, e tendo a firme convicção do desenvolvimento ulterior dos mesmos, e da influencia politica da Mandchuria, em razão da sua vizinhança com a Coréa, o Japão não poderá em hypothese nenhuma reconhecer a Mandchuria como estando fóra da acção dos seus interesses". A diplomacia de São Petersburgo declarou firmemente, que o accordo não seria jamais feito, em semelhantes condições. Para reaffirmar a declaração categorica, Nicolau II nomeou o almirante Alexeieff vice-rei com poderes extraordinarios em todo o territorio da Mandchuria.

## A PRIMEIRA GUERRA ENTRE OS NIPPÕES E A RUSSIA

A Allemanha sabendo que a França era alliada da Russia, e que a Inglaterra fizera uma alliança com o Japão, em 1902, procurou desencadear a guerra na Europa, afim de melhor satisfazer o appetite do seu militarismo. Sob o estimulo dissimulado da Allemanha, o almirante Alexeieff estabeleceu a sua base militar em Porto Arthur, que é o porto mais importante do littoral da Mandchuria.

*Takaski Hiski Kaii, commandante do Exercito japonez, na Mandchuria.*

*Stalin, cuja politica conduz a União Sovietica á guerra com o Japão.*

*Acampamento nipponico, na região do Jehol, proximo da Mongolia e da Siberia.*

O desentendimento se aggravou. Em 6 de Janeiro de 1904, o Imperio Moscovita insistia para que o Japão renunciasse aos seus interesses economicos e politicos, na Mandchuria. No intimo, os russos estavam resolvidos a permanecer no territorio e impedir o avanço da colonisação nipponica na Coréa, principalmnte, nas proximidades da fronteira mandchú.

Emfim, no dia 3 de Fevereiro de 1904, o Mikado retirou o seu embaixador de São Petersburgo. E irrompeu a guerra russo-japoneza, para a disputa da supremacia na Mandchuria, na qual o Imperio do Sol Nascente venceu o colosso, numa serie de batalhas decisivas, em terra e em mar, que afastaram definitivamente a potencia Branca, do solo mandchú.

A victoria assombrosa do almirante Togo, que destruiu o poderio naval moscovita, collocou o Japão entre as grandes potencias.

## A PROXIMA CONFLAGRAÇÃO ASIATICA

A conflagração mundial de 1914, trouxe comsigo a derrocada do Imperio Moscovita, mas o povo russo subsiste na actualidade, e subsistem com elle as condições economicas e politicas, que geraram a guerra desastrosa de 1905, no principio do seculo XX.

A nova alarmante, de que a União das Republicas Socialistas dos Soviets concentram tropas na fronteira da Mandchuria e da Mongolia Exterior, resuscita a historia da primeira intervenção da Russia, na expansão japoneza.

Mais uma vez, as planicies da Mandchuria serão o theatro de outra guerra, entre um povo branco e um povo amarello? Eis a nova tempestade inquietante, que paira sobre a amplitude dolorosa da Asia.

No High-Life Club

# A petisada tem, tambem, os seus bailes do CARNAVAL

No Fluminense F. Club

No Orfeão Portuguez

No Theatro João Caetano

# MOMO nos elegantes salões de Bailes

No High-Life Club

No Theatro Municipal

No Copacabana Palace

No Casino Atlantico

No Balneario da Urca

# O MUNDO EM REVISTA

CASAMENTOS EM MASSA — A moda da celebração de casamentos em massa pegou na China. Em Janeiro ultimo, foram vistos desfilar, em frente ao templo principal de Shanghai, uns duzentos pares de nubentes.

ENTRE OS LEPROSOS DA ABYSSINIA — A Dra. Harriet Skemp Nystrom, a unica mulher a exercer a Medicina na terra do Negus, trabalha no Leprosarium dos arredores de Addis Abeba. E filha de Mrs. Grace Iler Skemp, de Michigan, (E. U.).

TRABALHADORES EM PERIGO — Mais de duzentos operarios que trabalham na construcção do Tunnel de Hawk (E. U.) foram atacados de silicose. O Departamento do Trabalho tomou logo as providencias necessarias, mandando abrir um inquerito. Na photo, o operario Heffer, uma das victimas.

DESASTRE DE AVIAÇÃO — Destroços do "The Southerner" que, no mez passado, cahiu proximo de Goodwin, Arkansas (E. U.). No desastre, pereceram quatorze passageiros. A tripulação compunha-se de tres homens.

A NETINHA DE JORGE V — A princezinha Elisabeth de York, filha dos Duques de York e neta do Rei da Inglaterra ha pouco fallecido. Estava no Castello de Sandringham quando se deu a morte do grande monarcha.

AS INUNDAÇÕES NA INGLATERRA — Com as recentes chuvas torrenciaes, que desabaram sobre Windsor, o rio Tamisa transbordou, inundando aquelle arrabalde londrino, numa longa extensão.

EXPOSIÇÃO DE AVIÕES — Na proxima exposição de apparelhos de combate a ser inaugurada em Londres vão figurar os modelos de duas modernas machinas de voar (na gravura). Uma representa um pequeno monoplano ultraveloz e pesado e outra um hydroplano enorme, sem accomodações para cargas.

O 6 DE JANEIRO NA ITALIA — Celebrou-se, com bastante animação na Cidade Eterna, a festa da Epiphania. Obedecendo a tradição, nesse dia, os motoristas de Roma deixaram, nos pontos occupados pelos signaleiros, muitos presentes, consistindo em alimentos e bebidas.

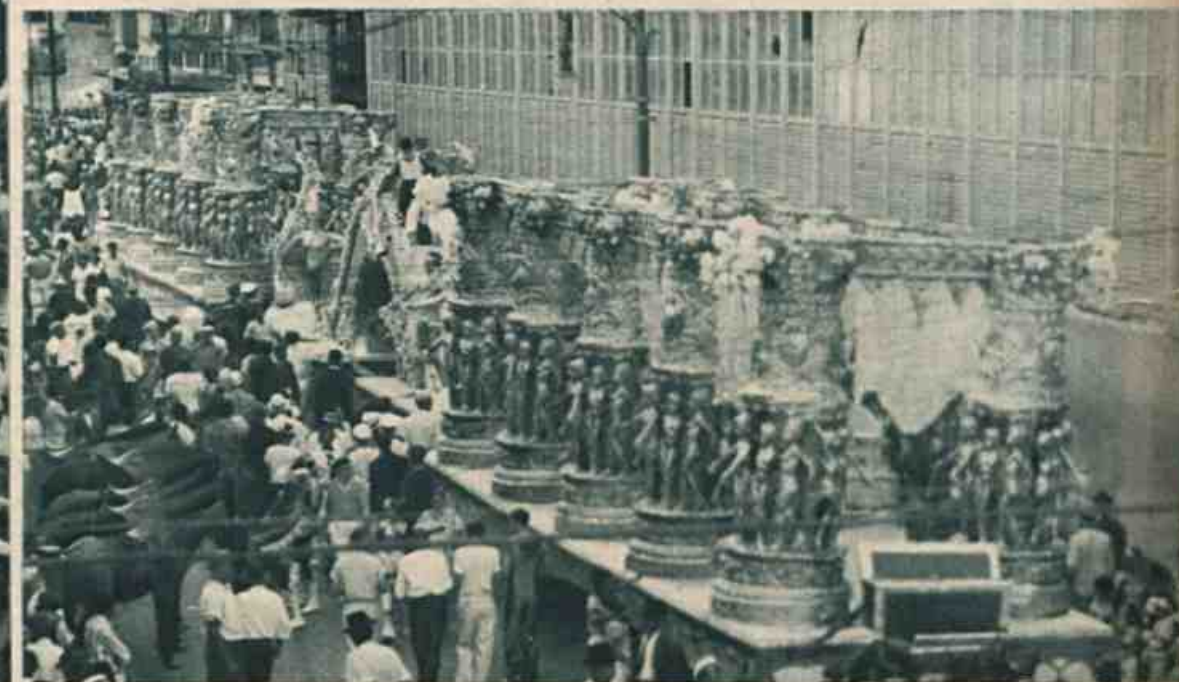
# O DESFILE DOS GRANDES PRESTITOS NA 3.ª FEIRA DE CARNAVAL

Carro-chefe do Club dos Democraticos

Carro-chefe dos Tenentes do Diabo

Carro-chefe dos Pierrots da Caverna

Carro-chefe do Club dos Fenianos

Carro-chefe do Congresso dos Fenianos

O CORSO NA AVENIDA RIO BRANCO, NA TERÇA-FEIRA DE CARNAVAL

# ELLES NOS FAZEM RIR...

... com a sua lingua (H. Marx)

Quando qualquer dos artistas aqui apresentados apparecem no écran nós somos suggestionados pelas suas caretas e desopilamos o figado. E' que cada um delles tem no semblante qualquer coisa de essencialmente proprio para propagar a hilaridade. Foi o que a revista "Vu" quiz provar com as photographias, que "O MALHO" reproduz nesta pagina.

...com seus adornos (Fernandel)

... com as commissuras de seus labios (Grock)

... com a sua melancolia (Carlitos)

... com seus oculos longe dos olhos (Pauley)

... com o seus olhos (O. Hardy)

... com suas assymetrias (W. C. Fields)

... com o seu bigode (G. Marx)

... com seus musculos zygomaticos (Laurel)

... com seus dentes (Eddie Cantor)

... com as contracções de seu queixo (Michel Simon)

... com seus labios inquietos (M. Chevalier)

Carro-Chefe do C. C. Heróes Brasileiros

"Bloco Congressista", campeão do carnaval deste anno

Matinée infantil no Canto do Rio F. C.

O corso na Praia de Icarahy

Bailes no Club de Regatas Icarahy e Canto do Rio F. Club

Reproducção photographica do "carnet" crediario nº 25.800, 1º premio do concurso, offerecido pela A EXPOSIÇÃO, o grande magazin da Avenida Rio Branco.

Após a entrega, em nosso escriptorio, de um dos apparelhos de radio sorteados. Os concorrentes que o receberam no sorteio.

Academico Olegario Marianno

O nosso companheiro fazendo entrega do 2º premio — uma geladeira electrica "Crosley", na Casa Stephens, rua S. José, 117, ao casal Olavo de Oliveira, residente nesta capital á rua Alice Figueiredo nº 62.

## ECOS DO CONCURSO "ALBUM DE ARTE" D'O MALHO

Verificado o sorteio publico, a 28 de Janeiro p. p., com presença do fiscal do Governo, dos premios do concurso "Album de Arte d'O MALHO", cujo resultado publicamos em nossa edição de 6 de Fevereiro, temos effectuado a entrega dos premios conferidos aos seus legitimos donos que os têm reclamado em nosso escriptorio á Trav. do Ouvidor, 34. Nesta pagina reproduzimos alguns instantaneos tomados quando eram feitas algumas dessas entregas. Reproduzimos tambem a photographia do carnet do "Crediario" da A EXPOSIÇÃO, no valor de 5 contos de réis, 1º premio do concurso, que coube por sorte á Sta. Therezinha de Araujo Rocha, residente á rua Pernambuco nº 85, em Santos.

Grupo de varios contemplados no concurso "Album de Arte d'O MALHO", em nosso escriptorio

## A "Illustração Brasileira" na Academia de Letras

Em uma das ultimas reuniões semanaes da Academia Brasileira de Letras, o academico Olegario Marianno usou da palavra para fazer referencias ao grande mensario "Illustração Brasileira", a maior e mais luxuosa publicação que o Brasil possue no momento.

Eis o que noticia, a respeito, o orgão official daquella illustre corporação de intellectuaes:

— "O Sr. Olegario Marianno disse que tinha a alegria de ser o portador do ultimo numero de "Illustração Brasileira", revista de artes e letras que se publica nesta capital, orgão a que podemos chamar da Academia de Letras, porque nelle apparecem, todos os mezes, trabalhos dos nossos companheiros.

Este numero traz, honrando-lhe as paginas, quatro assignaturas academicas: D. Aquino Correia, Adelmar Tavares, Claudio de Souza e Luiz Guimarães Filho. Nestas assignaturas está o voto de louvor da nossa Academia".

Como se vê, aquella alta assembléa de intellectuaes rende inteira justiça ao grande mensario da élite brasileira, reconhecendo-lhe os meritos e não lhe regateando elogios".

Panorama de uma parte de Petropolis.

# CHRONICA DE PETROPOLIS

GUILHERME DA CUNHA

Querido

As hortencias florescem e eu fico presa ao encanto desta cidade adoravel. Petropolis, que já no seculo passado, fôra escolhida para logar de veraneio da nossa nobreza, continúa a sustentar o seu sceptro de rainha. Quando o Rio de Janeiro esquenta e a canicula aperta, pensa-se instinctivamente no fresquinho gostoso destas verdes montanhas. Foi o que me aconteceu e, como consequencia logica desse pensamento, aqui estou eu, sem a minima saudade da minha cidade maravilhosa, tão querida em outras occasiões.

Você, que eu encontrei na avenida e que me garantiu não sahir do Rio este verão, em breve estará por aqui tambem. Lembra-se da nossa aposta? Si não, aqui estou para recordal-a. Acho, porém, que não é necessario esse calorzinho feroz a faz lembrada e me ajuda a ganhal-a, vencendo a sua resistencia.

A cidade está cheia, por todos estes vales verdejantes abrem-se as janellinhas unidas dos chalézinhos pittorescos. A *Crémerie*, um encanto. Na sua linda piscina, o carioca deixa-se ficar de molho, esquecendo-se dos dias horriveis lá de baixo. Petropolis, de uns annos para cá, mudou inteiramente os seus habitos sociaes. Foi-se a fama de cidade de luxo e preconceitos. Hoje, aqui impera o *sport* e quando a gente se lembra do antigo apparato que aqui se ostentava outr'ora, ri-se do ridiculo daquelles habitos numa cidade de recreio. Hoje, não se usa mais chapéo por aqui, meias tambem foram abolidas e o sapato de tennis apparece triumphante por toda a parte. O carioca que vem para cá, sabe agora viver. Passeia-se a cavallo, anda-se de bicycletta, patina-se. E entre uma partida de tennis e um banho de piscina, toma-se um sorvete na casa Dangelo. E as férias voam adoraveis, no ambiente florido desta cidade encantadora. E você não está aqui. Como é teimoso e birrento! O Rio torra, todo mundo sabe, o sol abrasa e o asphalto derrete. Os omnibus rodam pesados e somnolentos, atirando no ar suffocante a nuvem cinzenta de fumaça. E você não sobe! Aqui, as avenidas ensombradas pelo arvoredo, têm no centro duas faixas azues de hortencias que, acompanhando a frescura dos rios, vão botando no ar um cheirinho bom e os carros de cavallos vão atravessando pelas pontes repletos de moças e creanças alegres.

E você fica ahi por causa de um capricho, entre esse cáes sujo e essa pedreira que despeja no ar baforadas de calor, preso dentro dessa gaiola onde mora... Aqui, o chalézinho florido onde você morava está vazio, vazio como o meu coração. Elle e eu temos saudades de você.

As noites ahi no Rio são barbaras. Não se pode dormir. Suffoca-se e o colchão parece que pega fogo. Por aqui as noites são divinas. O céo é um taffetá azul onde se recorta a mantilha de rendas negras das mattas. A lua, um deslumbramento. E da terra, em extase, ante a belleza do céo, sobe a symphonia dos grillos, pirylampos e mais mil habitantes destes bosques. E você que sente tanto calor não está aqui...

A familia imperial, seguindo os habitos antigos, povoou o palacete Grão-Pará e você, que é aristocrata, continúa aguentando o calor, só por capricho.

Adeus, a cidade encantadora me espera lá fóra com seus tufos de hortencias e o marulhar suave dos seus rios. Sei que não resistirá mais com certeza e, abandonando essa birra tola, deixar-se-á trazer pelo tremzinho alegre que chega, repicando festivamente o sino dourado.

VIOLETA

Lago da Crémerie

# MOMO NOS CLUBS PORTUGUEZES

Baile a fantasia na Banda Portugal.

No Orfeão Portugal

No Centro Transmontano

Na Fraternidade Lusitana

# "MALHADO"

## (DO «DIARIO DE UM MEDICO»)

*Março de 1920* — O ranchinho do Zé-Maria fica além da ultima rua, atraz do cemiterio, aonde começa a capoeira.

Tres creaturas vivem nesse misero casebre de palha: Zé-Maria, Nhá Rita, sua mulher, e *Malhado*, um cão vulgar, amarello, magro e esperto.

Zé-Maria tem cincoenta annos e é lenhador de profissão Nhá Rita não se lembra da edade, mas as rugas e os cabellos brancos são documentos *vivos* de cansada existencia. *Malhado* fôra adoptado pelo casal, havia cinco annos, quando iam atiral-o desprendidamente á beira da estrada. Como possuia uma grande mancha parda nas costas, deram-lhe logo um nome simples para toda a vida — *Malhado*.

Vivem bem todos tres. Zé-Maria é alegre, caseiro, trabalhador. Ao amanhecer põe o machado ao hombros, um punhado de passóca na mochilla e parte para o matto acompanhado pelo cachorro, assobiando, contente. Ao entardecer volta ao rancho trazendo o seu feixe de lenha, e ás vezes, sobre o feixe, alguma caça perseguida e morta pelo cão.

Nhá Rita fica em casa, num lento labor domestico, entre a cozinha e o quintal!

Vivem ha vinte annos nessa deliciosa insipidez, sem parentes para atormental-os, sem inimigos, sem nada.

Um dia, porém, nesse Março aziago de 1920, Zé-Maria, ao derrubar uma arvore, golpeou com o machado o pé direito. Rapidamente fez em tiras a camisa, amarrou o pé ferido e voltou para o rancho arrastando-se, manquejando, sangrando, seguido pelo cão. O golpe era enorme, largo, profundo, no dorso do pé, de onde corria, apesar das ataduras, um vivo fio de sangue. Foram inuteis os remedios caseiros, os horriveis chumaços de sabão e cinza, os emplastros de fuligem, o caldo de fumo pisado. A ferida sangrava cada vez mais, ameaçadoramente, através das pastas immundas.

* * *

Era noite, já tarde, quando bateram á minha porta. Um visinho do Zé-Maria contava-me o caso triste confessava a impotencia dos remedios e pedia-me em nome de Nhá Rita a caridade do meu soccorro para o lenhador que desfallecia a cada momento.

*Abril de 1920* — Ha quinze dias, mais ou menos, soccorri Zé-Maria.. A enorme ferida vae lentamente cicatrizando, e todas as manhãs vou ver o meu doente, observando admirado o seu bom humor, a inaudita dedicação da mulher e a grande, profunda inverosimil harmonia desse velho casal.

Mas, certa vez, ao lembrar-me de que aquelles dois entes privados da recompensa quotidiana do trabalho, deveriam sentir as primeiras amarguras da misereia, pedi, ao sahir que acceitássem uma pequenina quantia como auxilio no momento.

Zé-Maria, ao ver-me abrir a carteira, recusou acabrunhado:
— Não; muito obrigado. Graças a Deus não precisamos ainda. Se precisar... então... O doutor me perdôe...

— Não é possivel, Zé-Maria. Ha vinte dias que você não trabalha. E' acanhamento? E' orgulho? Que tolice...

Elle sorria serenamente:

— Não. Tenho recebido favores de tanta gente na vida! Por que não acceitaria esse que vem do coração? Não precisamos agora, acredite. Tenho um amigo que todas as tardes me traz alguma cousa com que vou vivendo. Um amigo que não fala que não pergunta, que não tem dinheiro.

— Não comprehendo...

Zé-Maria olhava o meu espanto e pedia-me:

— Hoje ou amanhã, quando quizer, venha á tardinha por aqui. O doutor verá, então, esse amigo... e ficará mais espantado ainda. Vale a pena o sacrificio.

— Então, hoje mesmo — respondi impressionado, Hoje á tarde virei ver esse amigo assombroso!

Voltei á tarde ao rancho do Zé-Maria, numa curiosidade fremente. Elle recebeu-me á porta do casebre e offereceu-me um banco

para sentar-me, como se pretendesse preparar um grande espectaculo naquelle scenario agreste de capoeira e desolação.

Vinha o crepusculo, e logo, da meia sombra da mattaria surgiu um vulto de cão, apressado, trazendo á bocca um animal que parecia morto.

Reconheci o vulto. Era o *Malhado*, que largava a sua presa deante de Nhá Rita e lançava-se vehemente ao collo do dono, em desabalada, esfusiante alegria.

Zé-Maria segurava-o, estreitava-o nos braços, beijando-o commovido. E quando o cão se dirigia para Nhá Rita, elle voltou-se para mim com a voz a tremer:

— Viu? E' o meu amigo... o meu protector... o meu filho. Desde que soffri o desastre elle parte cedo para o matto, e todas as tardes nos traz uma caça, uma cotia, uma paca, seja o que fôr. Todas as tardes! Nós vendemos a metade e comemos o resto. Por isso nada nos tem faltado. Vivemos como gente rica. Ai de nós se não fosse elle!

Eu fitava o *Malhado*, estupefacto, assombrado, interdicto, como se o pobre cão se houvesse transformado de repente num idolo singularmente aureolado resplandecendo no humilde scenario das capoeiras.

AURELIO PINHEIRO

# OS PASSAGEIROS DO MEU BONDE

ESTOU eu aqui, no meu bonde. "Meu" é um modo de dizer. Meu e de todos os companheiros de viagem. Como é tambem daquelle velho portuguez, com uma ponta de cigarro, cheia de sarro, pendurada no canto da bocca, que vae ali no segundo banco, scismando, pensando. Em que, não sei.

E o meu bonde vem sempre cheinho de gente. De gente cheia de tristeza nos olhos. Cheia de remendo na roupa. Com a cabeça cheia. Cheia de toda a miseria, de toda a desgraça, de toda a canseira.

Todos os passageiros são meus conhecidos. Conhecidos de vista. Quando algum não vem, noto-lhe a falta, tão acostumado estou a vel-os.

E eu tenho certeza de que elles tambem me conhecem de vista e imaginaram já mil cousas a meu respeito. Que já repararam no meu geito quieto, pensativo. E que, talvez, já cochicharam alguma vez qualquer coisa a meu respeito.

Todos elles me causam tristeza. Todos, não. Porque o portuguez do segundo banco, aquella menina bem vestida, com a boina equilibrando-se no canto da cabeça, e o conductor, — esses não me causam tristeza.

O portuguez, velho mas conservado, mãos calosas, resignação nos olhos, porque traz sempre uma ponta de cigarro amarellecida no canto da bocca. E essa ponta de cigarro tira-lhe o soffrimento apparente que trazem os outros estampado no rosto. Dá-lhe a impressão de que não tem outro desejo na vida, senão aquelle — o de fumar. Pouco lhe importa o companheiro do lado, ou os outros homens que desfilam na rua, ou os automoveis rodando em disparada. Elle só vê aquella ponta de cigarro pregada nos labios. As mãos tem-nas cruzadas em cima das coxas. O olhar perdido em direcção da vidraça da frente. Não tosse, não fala, não ri. E é por isso que não posso vêr uma ponta amarellecida de cigarro, sem que me lembre desse velho portuguez. E vêr esse velho sem que me não lembre de uma ponta de cigarro pregada no canto da bocca.

Talvez seja esse o motivo de não sentir tristeza por elle. Mas, sim, indifferença. Indifferença igual á que elle tem por todos os outros companheiros de viagem.

Se ao menos elle se esquecesse de sentar naquelle canto do bonde...

Tambem não me causa tristeza aquella menina que traz a boina pendurada na cabeça. Como se fosse estandarte carregado em dia de procissão, tão geitosa que vae.

Ella me causa dó. Sim, essa menina que traz a boina vermelha equilibrando-se na cabeça, causa-me compaixão. Porque ella mostra o que não tem, o que desejaria ter. Não faz como os outros que trazem a tristeza nos olhos. A miseria na roupa. A desgraça nos gestos. E ella tem tanta tristeza, tanta miseria, tanta desgraça, como os outros. Por isso, carrega indifferença no olhar. Veste-se como se vestem as meninas que moram nos bairros mais ricos do que o della, do que o nosso. E ensaia uns gestos ligeiros, estudados, como os das actrizes do cinema. No emtanto, eu sei que no quarto de cortiço, em que moram os seus, a pobreza anda por todos os cantos. E não só a pobreza. A miseria, a desgraça, o choro dos irmãozinhos quasi nus, encharcados de lama, tambem. E as pragas, e a neurasthenia ou a doença dos paes. Dos paes que tambem trazem a tristeza nos olhos, a miseria na roupa e a desgraça nos gestos.

E porque á noite, altas horas da noite, ella vae se encontrar com o moço do automovel, que a leva para longe, para longe do bairro.

Para onde, não sei...

O conductor, esse não me causa tristeza, porque o seu gesto engraçado, os seus labios sempre rindo e uma palavras de troça jogam bem longe a tristeza que talvez traga grudada na alma. Parece sentir felicidade ao encarapitar-se no estribo do bonde cheinho de gente, pisando no callo dos operarios do meu bairro pobre.

E o meu, o nosso bonde vae-se esvasiando. Vae jogando para as ruas do meu bairro os operarios pobres, cansados de um dia todo de trabalho, de mais um dia de miseria.

Amanhã voltarão novamente. E eu tambem voltarei. E voltaremos depois e depois. Trazendo a tristeza nos olhos, a miseria na roupa e a desgraça nos gestos. E continuará equilibrando-se na cabeça a boina vermelha daquella menina que á noite, altas horas da noite, se vae encontrar com o moço do automovel que a leva para longe, para longe do bairro.

Para onde, não sei...

— HENRIQUE MACHADO —

# Modas do seculo

DI CAVALCANTI

De 1900 á 1936 quanta cousa aconteceu...

— A guerra, a grande guerra, por exemplo. Não foi a ultima nem a maior, porque a proxima será muito mais **kolossal,** muito mais bonita, com muito maior numero de mortos e feridos . . .

— Santos Dumont no inicio dessa nossa epoca voou de balão e de aeroplano e a "Europa curvou-se ante o Brasil".

— Inventaram, na pintura, o cubismo na architectura a fórma funccional.

— A machina dominou o mundo. Prosperidade yankee! Velocidade! Velocidade!

— E o cinema desde o primitivismo até os super-films falados?

— E o Radio! A magnifica invenção que dá aos meus vizinhos o direito de disputarem todas as noites, a supremacia do barulho, nesta rua onde eu resignado moro e que tem todas as qualidades para ser a rua mais quiéta do Rio de Janeiro.

— No Brasil tivemos algumas revoluções, a poesia futurista, a santa de Coqueiros e outras cousas que me lembro mas não digo porque é preciso o leitor fazer um pouquinho de força com a memoria.

— Mas entre as cousas que surgiram ou se transformaram neste apressado seculo XX eu chamo attenção das senhoras e senhoritas, para os figurinos que de 1901 até 1935, vêm embellezando os trajes femininos.

1921

1911

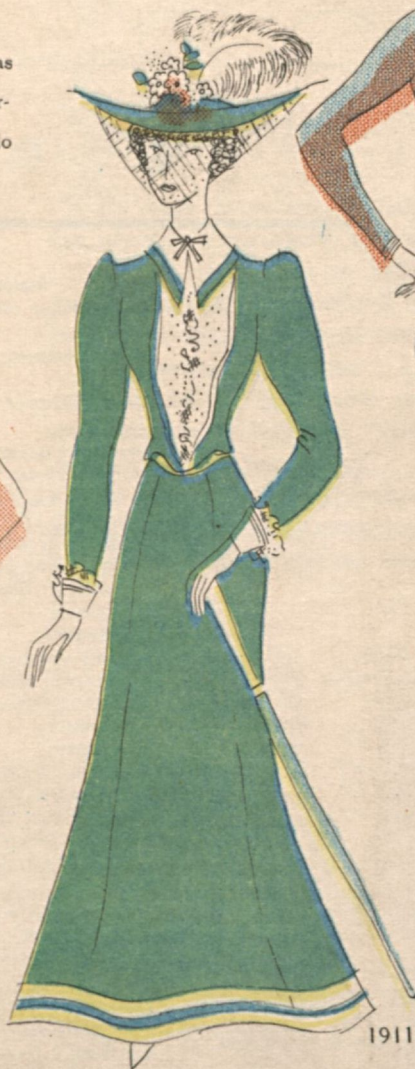
1901

1931

1936

Illustração de NOEMIA

Chamo attenção, não como chronista de modas, porque do assumpto costura, bordados, etc., eu só entendi uma vez na vida. Foi quando tive de comprar uma camisa de força para meus ideaes que se estavam tornando, como diria vossa senhoria que está me lendo e sabe francez: — "un peu fou!"

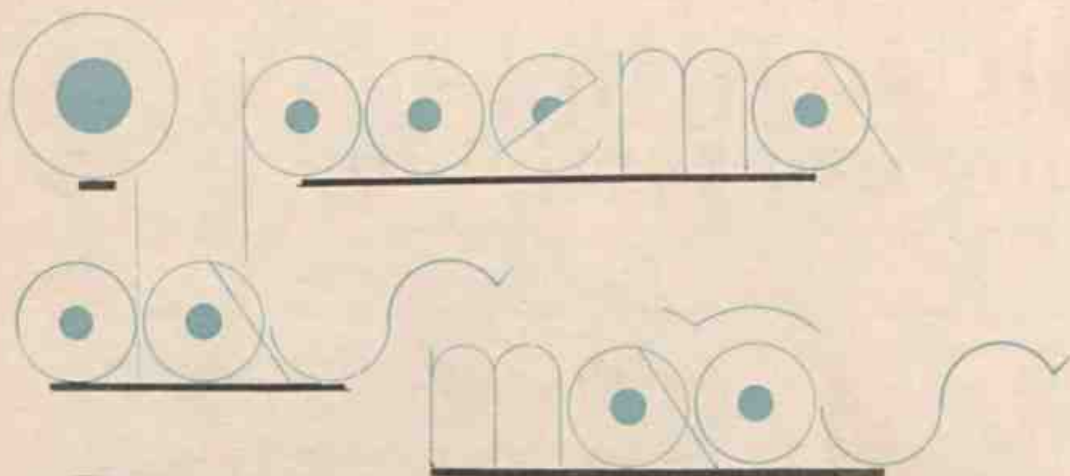
As minhas observações são só para provar e que as senhoras mulheres comprehendam que apezar do nenhum racionalismo no modo de se vestirem e das variadas formas de apparencia adoptadas, ellas continuam perturbando a vida dos senhores homens, com a mesma intensidade, nesses 35 annos do seculo. Têm conseguido dos homens o mesmo amor, a mesma fé, o mesmo enthusiasmo e a mesma abnegação que o aeroplano.

A base da moda feminina é igual á do aeroplano. Não se póde fazer um vestido sem saias e não se póde fazer um aeroplano sem asas.

Do aeroplano de Bleriot ao de Joahn Batte, que outro dia nos visitou, as formas têm variado, mas o perigo continua o mesmo — cahir do abysmo e quebrar os ossos sobre este nosso mundo.

Do vestido que fez furor na Exposição Internacional de Paris em 1900 até o elegantissimo modelo que a carioca exhibe hoje nos casinos de Copacabana, muito mais bonitos, simples e discretos, as formas tambem têm variado mas o perigo continua o mesmo, como no aeroplano, — cahir do abysmo nos braços de uma costureira com a conta na mão!

— A conta da costureira assumpto dos humoristas e tristezas dos maridos . . .

De 1900 á 1936 quanta cousa aconteceu! . . .

# O poema das mãos

No cinema... á noitinha,
Quando elle vinha,
Era sempre assim.
Elle a meu lado,
Parece um potentado.
O braço seu repousa
No braço da cadeira,
Abrindo a mão,
Como se abrisse em corolla o proprio coração.
Espera receber alguma cousa...
Em a vendo assim aberta,
Tão vasia...
Tão fria...
Tão deserta...
Eu comprehendo tudo...!
Ha tanta eloquencia nesse gesto mudo...!
O seu olhar mui verde, á media-luz, febril,
Lembrando o entardecer nas mattas do Brasil,
Encontra o meu olhar.
Deixo o meu braço pousar
Sobre o seu braço.
(Falta de espaço... no braço da cadeira...)
Então a minha mão muito de leve,
Indecisa, tremula, medrosa
Vae fazer companhia áquella mão morena.
E' o encontro... das mãos...

Com que anseio, com que soffreguidão
Aquella mão mui vigorosa e quente
Agarra a minha mão,
Ainda frémente.
Ellas se abraçam...
Nossos dedos se confundem, se emmaranham, se entrelaçam...
Elle prende-a... acaricia-a... aperta-a...,
Como se quizesse esmagal-a.
Beija-a... beija-a... apaixonadamente...
E' o idylio... das mãos...

Olhamos para o "film" attentamente:
— Era... "Naná"...!? num beijo impetuoso... —
Elle apertou tão fortemente a minha mão,
Sinto-o que vibra de tanta commoção
Que estremeço toda.
Fico acabrunhada.
A minha pobre mão assim desacatada
Foge precipitadamente
Daquella alcova ardente,
Ainda quente... quente...
E procura abrigar-se em meu regaço.
E' arrufo... das mãos.

Elle entendeu tudo
Tornou-se mudo.

Depois... fita-me interrogando...
Eu finjo que estou chorando.

Ha um momento de calma
Na alma
De nossas mãos...

Passa um minuto.
De novo escuto
A voz de sua mão de novo aberta,
Deserta
A chamar a minha mão.
(Meu coração pulsa descontrolado...)
Olhando o "film" finjo não a ver.
Elle espera...
E desespera...
Então a sua mão impetuosa,
Vencendo o espaço,
Vem conquistal-a em meu regaço.
Ella resiste.
Elle insiste.
(Homem no gesto, destemido, ousado,
Quanto mais bruto, tanto mais amado...)
Prende-a com violencia e com rancor,
Arrasta-a para dentro da sua mão.
E' a tragedia... das mãos...

Depois... victorioso
Fica orgulhoso,
Como se houvesse prendido uma Nação!

Dentro de mim
Tudo sorri de... sa... ba... la... da... men... te...
Contente... contente... contente...
Reconciliação...

Elle não diz nada
Eu, feliz... emocionada...
Olhamos o "film":
— Os artistas se beijam... —
Tudo escurece
E uma inscripção apparece
Assim:
FIM.

Sem phantasia haver na historia minha,
Essa pobre mão que hoje está sósinha,
Tremendo escreve sua triste confissão.
Emquanto "elle" outra "mão" de beijos cobre,
"Eu" enxugando as lagrimas do pobre,
Vejo chorar a minha propria mão...!

MAURA DE OLIVEIRA BRASIL

Illustração de ALOYSIO

# MEU FILHO

Primeiro foste um desejo.

Viveste em meus brinquedos, em meus livros, em meus sonhos; viveste na prece febril de minha bocca.

Depois brotaste em minha carne e minha alma exultou.

Naquelle tempo, eu fugia para os ermos; descansado o corpo sobre a relva, esquecidos os dedos da renda que fiavam, eu namorava as glicinias nas latadas; eu namorava os myosotis que vestem de azul as collinas — para que fossem mais puros os teus olhos.

Mergulhava-me toda na luz azulada que tombia pela cimeira das serras e adorava a Deus com mais força — para que fosses bello.

Um dia — era Setembro e rebentavam os botões pelos jardins, para encher de côr a primavera — eu te tomei nos braços, suave e pequenino como a petala; mais quente e mais leve que um farrapo de luz, e imaginei que vieras do seio immaculado de Deus!

Cheia de zelo e ciumes, escondia-te de todos, para que olhares menos puros não profanassem a tua belleza.

Depois, como a pomba, na floresta, que deixa a amplidão e se recolhe toda á beira de seu ninho, velei teu berço.

Emquanto dormias, eu cantava em surdina, para que a harmonia penetrasse o ether de que se formara tua alma; rezava, com uncção, os psalmos suaves e estranhos do rei David, para que fosses tambem poeta, para que fosses santo.

Depois colhi teus prantos, teus beijos, teus passos e enchi a tua infancia de doçura e de belleza.

Por isso confio em ti.

Embora.

Quizera ficar comtigo: — como um braseiro que aclara e que aquece.

Quizera ficar comtigo!

Estão contados os meus dias, e, ás vezes, a minha alma se agita toda e se levanta e esvoaça, como o fumo que quer subir acima da chamma, procurando ascender.

E' a saudade das perfeições de além!

Embora.

Quizera ficar comtigo.

Porque entre os gozos que a vida te guarda, entre as suas alegrias e as suas surpresas, talvez encontres, meu filho, a hypocrisia, talvez a injustiça, talvez a ingratidão.

Se encontrares a hypocrisia, — que importa? — se trazes no peito a verdade que vence um dia, a verdade que é mais bella e mais clara do que a luz!

Despreza e passa.

Se encontrares a injustiça, retempera na luta a tua alma irrequieta e ardorosa; defende o fraco, lembra-te: ha uma victoria para o justo, — não feita de louros nem de raffar de tambores; não feita de ouro nem de moedas que se contam.

Mas, de uma belleza que o tempo não leva; de uma harmonia que nenhum contacto corrompe; de uma alegria muito intima e muito mansa, como o clarão da aurora que transborda sobre o mar.

Combate e espera.

Mas talvez encontres, meu filho, nessa vereda incerta, por onde andei antes de ti, a face da ingratidão.

Talvez se erga contra ti a bocca que beijaste; talvez se arme contra ti a mão que encheste de doçura...

Então, meu filho, quizera ficar comtigo: no ar que respiras, para alentar teu sangue; na aragem que sopra em teus cabellos, para beber teu pranto...

MARIA ALICE

# SENHORA
## Supplemento Feminino

# Senhorita . . .

Ha uma parte do vestuario que a Moda fez reviver, e em muito boa hora: a blusa.

E' esta uma peça de utilidade e de elegancia, servindo, segundo o tecido e o modelo, para varias horas do dia.

No genero "chemisier", a blusa é usada pela manhã, e, em geral, feita de "piqué", de cambraia de linho, de "voile", de Jersey e de linho tecido frouxo.

A' tarde é de seda, setim, "taffetas". A' noite, graciosa, elegantissima, de "lamé" de tons pastel, saia preta ou "tête de négre", de velludo ou de "marocain".

Os chapéos variam de fórma e de modo de usar: ou vêm para a frente, bem sobre as sobrancelhas, ou são collocados para traz.

A boina á marinheira, de seda fôsca, "taffetas" ou "moire", continúa a acompanhar vestidos para "trotter".

SORCIÈRE

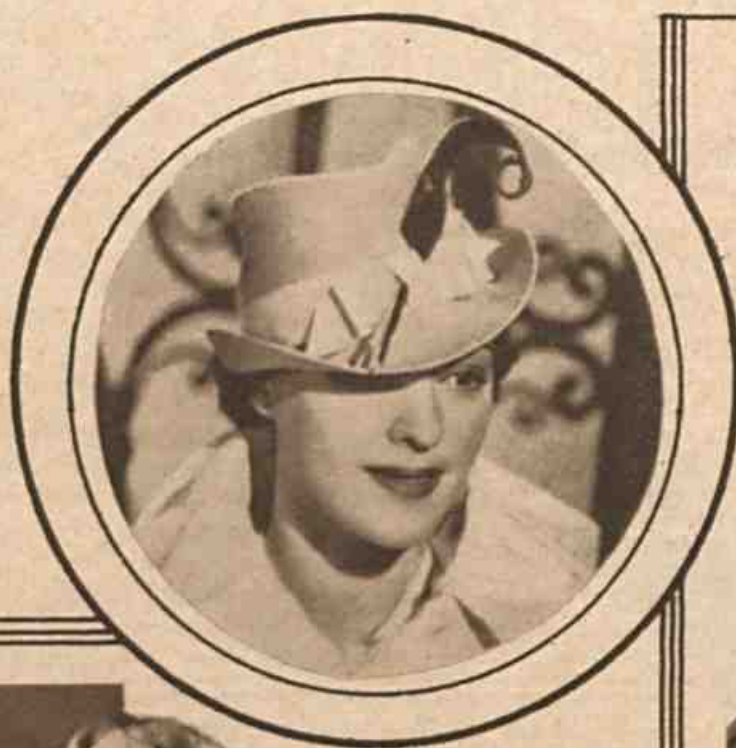
*A' esquerda: blusa de setim verde, para de tarde. A' direita: blusa de "piqué" branco — para de manhã.*

*Para de manhã: blusa de cambraia branca, pospontos e botões "marron".*

*Duas blusas "toilette": de crêpe fôsco azul pallido, e de setim verde garrafa, babado á frente da gola.*

*Nova gola de cambraia de linho para completar um vestido preto — de "marocain" ou de "taffetas" — para de tarde.*

*Chapéos modernos*

Chapéo novo — para meia estação.

*Kay Francis*, da Warner Bros — vestido de "drap" de seda verde, blusa de setim branco.

Carole Lombard — trajada para a praia.

# Como vestem as "estrellas" do Cinema





*Gertrude Michael* — num costume de "drap" de seda "beige", para meia estação.

Vestido preto, de "marocain", gola de fustão branco — *Ida Lupino*.

*Artistas da Paramount*

*Gail Patrick*, de preto, é a elegancia em pessoa.

# Gúardanapo de criança

*Material necessario:* 1 meada de cada — Linha Mouliné (Stranded Cotton) marca "Ancora" F. 483 (azul pavão claro), F. 545 (salmon escuro), F. 580 (*marron*), F. 817 (terra escuro); 36 cms. de linho amarello; 1 agulha de cozer n. 7.

Usar 3 fios em todo o bordado.

Cortar o guardanapo de 39,5 x 31,8 centimetros. Riscar o desenho 3,8 cms. da ponta da fazenda. O feitio do guardanapo pode ser tirado da gravura assim como a disposição do bordado.

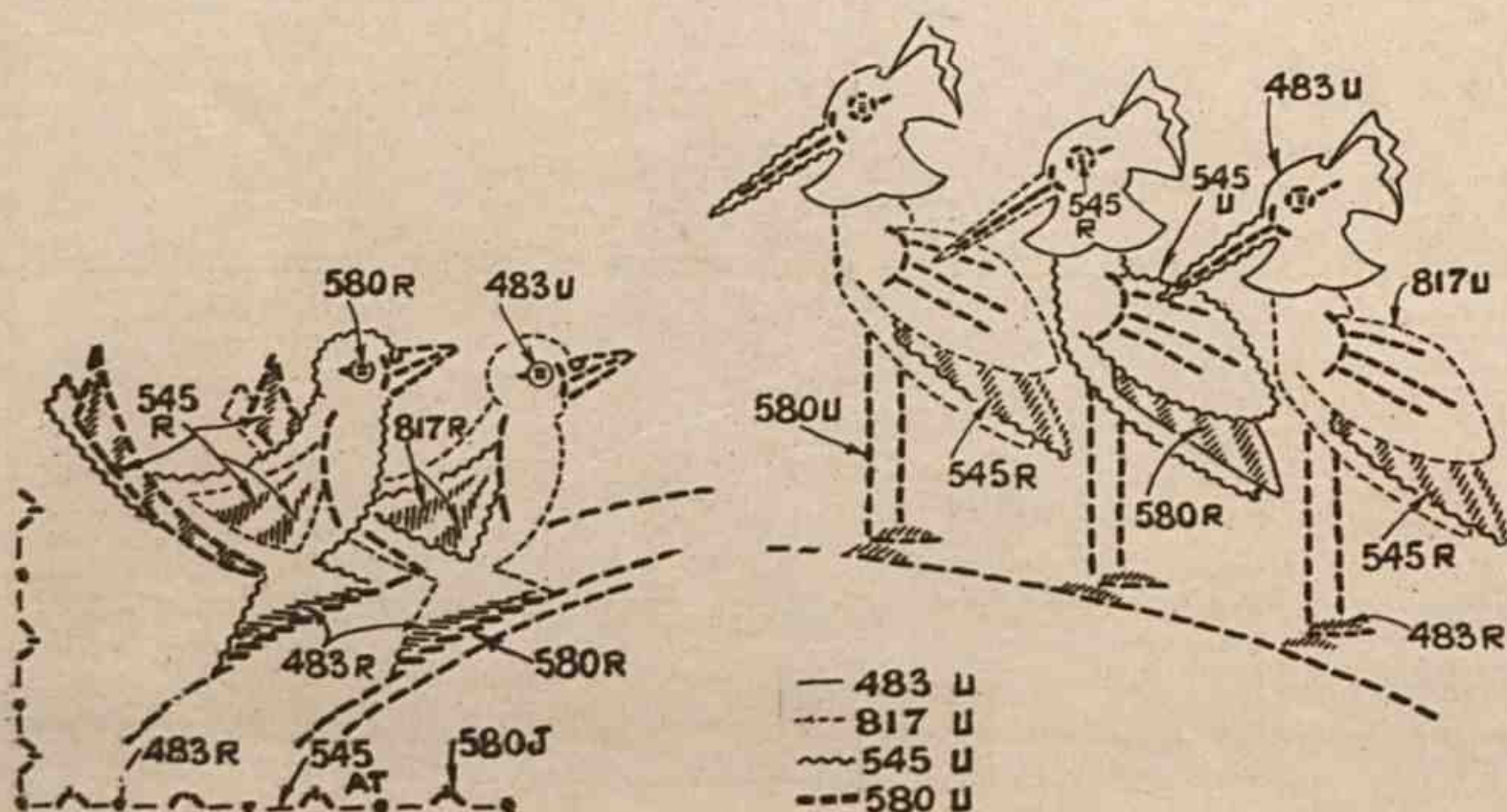
Os pontos usados são o ponto de haste, ponto cheio singelo e ponto corrido. Seguir o diagramma para a disposição dos pontos e côres.

Riscar o desenho 1,91 cms. da ponta da fazenda. Virar uma bainha de 0,63 centimetros para o lado avesso e fazer um ponto corrido invisivel.

Para amarrar atraz pregar duas tiras de cadarço de 28 cms. de comprimento.

580 R 483 U 545 R 817 R 483 R 580 R 483 R 545 AT 580 J

483 U 545 R 545 U 817 U 580 U 545 R 580 R 545 R 483 R

— 483 U
--- 817 U
~~ 545 U
--- 580 U

# DE TUDO UM POUCO

## ESCRIPTO EM MINHA VIDRAÇA

(CLOMENES CAMPOS)

Vi-te, como uma sombra, através da neblina,
e julguei-te uma noiva a caminho do altar:
o nevoeiro era um véo de gaze muito fina,
esvoaçante, subtil, vaporoso, lunar...

Quando sonhei comtigo, ó lyrica menina,
estavas assim mesmo: iamo-nos casar!

## DANSAS DE SALÃO

A Dansa é util á rigidez do corpo, desenvolvendo certos grupos musculares, activando o funccionamento do coração e dos pulmões. Detém os desvios da columna vertebral, fortifica os musculos, e, pelo seu rythmo, dá graça, desenvoltura, agilidade, elegancia ao caminhar.

Eram estas, pelo menos, as vantagens que se podiam obter nos bailes de outr'ora, onde se apreciavam attitudes graciosas como as das dansas do seculo XVIII, das dansas gregas evocadas agora nos theatros, pelos corpos de baile.

Os bailes modernos são verdadeiras trepidações de epilepticos, tanto nos salões de alta roda como nas festas populares. Os pares saltam, dão voltas, agitam-se, chocam-se, opprimem-se em promiscuidade que seria o cumulo da inconveniencia para a mãe mais tolerante... si não dansasse ella tambem.

Embora a moral ainda se insurja contra as dansas modernas, o que se deve aqui expender não diz, de forma positiva, sobre o bom tom, que os de

alta roda sempre pretendem dar ás outras classes. Examinam-se, de preferencia, o que os bailes modernos podem produzir na saude.

Os dansarinos de samba, de "fox", de "blue" encerram-se, em geral, em salas mal ventiladas, contendo dez vezes mais o numero de pessoas que comportam regularmente. As luzes, as emanações quentes e os vapores da respiração dos espectadores e dos bailarinos formam atmosphera de toxinas activas, activissimas.

Além disso os bailes costumam realizar-se logo depois das refeições, e se prolongam até a madrugada.

Sáem os convidados morrendo de somno, suarentos, e se expõem ao ambiente exterior desattentos aos perigos da mudança brusca de ar. D'ahi, enfermidades da laringe, dos bronchios, do pulmão.

Valerá a pena tanto mal por tão pequeno prazer?

BANANAS COM QUEIJO — Algumas bananas, não muito maduras. Parte-se a casca ao comprido, sem destruir, tirando-se cuidadosamente a fructa. A casca é cheia de calda feita com um pouco de queijo. A' parte fritam-se as bananas na manteiga, addicionando-lhe um pouco de sal e poeira de pimenta; depois são novamente collocadas na casca, regendo-se tudo com mais calda de queijo, cobrindo-se, por fim, com pão ralado. Vae por instantes, ao fôrno, servindo-se muito quente.

*Como são acondicionadas as bananas com queijo para serem bem servidas.*

## ARTE DECORATIVA

## FICO DOIDA!!!

(Por JUDSON STUART)

Quando o novo casal — Arthur Manning — Imogene Osgood — sahiu da Igreja de Springvale, fugindo á chuva de arroz que os amigos lhe atiravam até sobre o automovel que o conduzia ao goso da lua de mel, Mrs. Deacon Follandsbee, uma das convidadas á cerimonia, commentou: Cyrus, meu marido, póde ser que me engane, mas aquelles dois não irão dar-se bem...

— Ora, desejo que se comprehendam, respondeu, friamente, o marido.

— Mas você não me comprehendeu... tambem desejo que se entendam...

— Já sei: deseja... mas desconfia que não...

— Cyrus, conheço aquella moça de ha muito. Conheci a mãe della, a avó, emfim, sei do genio da familia Bryar. Imogene é geniosa como os seus parentes, e já a vi, certa vez, batendo com os pés fortemente no chão, a cabeça de encontro á parede, e a debater-se entre os moveis porque a contrariaram. Um dia tambem a vi empurrar Mary Varney dentro de um riacho do moinho, dia de frio intenso, só porque a amiga tinha ganho um casaco novo e o della era antigo.

— Mas...

— Está-me ouvindo, Cyrus?

— Sim, estou. Mas não é da nossa conta a vida delles.

— Sempre estimei Manning... Gosto da familia delle, e o pobre rapaz é bom, amavel, gentil...

— Não creio que Imogene irá matal-o...

— E' do que não duvido. Com aquelle temperamento de fera! Você não a conhece. Aposto que nunca a ouviu gritar, com o rosto afogueado, possessa: Fico doida!!

— O Arthur é muito calmo, ha de supportar bem... Já o vi sahir-se de situações bem difficeis. Quando, ha seis annos, o dique arrebentou, emquanto todo o mundo se desorientava, elle foi direitinho aos portões do canal, abriu-os, e tudo serenou... Depois, no incendio de Town Hall, não foi elle quem, com o auxilio de uma escada de bombeiro, conseguiu salvar documentos importantes?

A esse tempo os recem-casados se dirigiam para casa. Sentaram-se á sombra de uma arvore e ficaram admirando os ultimos retoques da pintura do "bungalow" que Manning havia mandado edificar para a esposa.

Na volta da viagem da "lua de mel" elles vieram habital-a.

Deacon e a mulher moravam perto.

Mezes depois que o joven par se installára ali, Cyrus disse: — Os dois pombinhos vão á maravilha...

— Espera um pouco...

Justo naquelle momento ouviram Imogene gritar: Fico doida! Fico doida!

— Ouves? bem te disse que ella é geniosa.

De facto, durante o verão os visinhos puderam ouvir sempre a voz da moça, alteradissima.

Arthur Manning, pouco a pouco, ia ficando abatido, o aspecto tristonho.

— E' pena! — O pobre moço está com cara de quem tenta suicidar-se... — commentava Mrs. Deacon para o marido.

Num dia lindo, de Setembro, Arthur estava em casa. Era sabbado, e elle havia trabalhado só até meio dia. Poz-se a arranjar o jardim, entretido com as plantas.

O casal Deacon tambem estava a cuidar dos canteiros.

De repente Imogene disse para o marido:

— Pára com isso e vae pintar de azul a frente da casa.

— Mas o azul não vae bem, minha querida!

— Faça o que digo, não discuta!

— Não, Imogene, não farei.

Ella tomou de um pedaço de páo e poz-se a bater nas roseiras, gritando: Fico doida! Fico doida!

Arthur perdeu a cabeça. Segurou fortemente os pulsos de Imogene, tomou-lhe da vara com que lhe desfolhára as lindas rosas, e espancou-a pelo mesmo geito...

— Agora sou eu quem endoidece...

E bateu até que ella desmaiou. Pol-a ao collo, levou-a para casa...

— Imogene está curada — disse a Sra. Deacon.

E tinha razão.

Imogene passou a ser uma esposa ideal...

CATHARINA II — Cognominada a "Semiramis do Norte", a imperatriz da Russia, nasceu em Stettin, filha do duque de Anhalt-Zerbst, mulher de Pedro III. Reinou, depois do assassinio do imperador, de 1763 a 1796. As suas guerras felizes, as suas victorias sobre os turcos, a protecção que dispensou aos sabios e aos philosophos, fizeram esquecer as suas violencias, o seu despotismo e o seu comportamento desregrado.

Essa celebre tzarina, de origem allemã, correspondente de Voltaire, deu á lingua russa, que ella conhecia perfeitamente, excellentes obras literarias. Querendo reconduzir seu povo a ser elle mesmo, ella criticou, com muito espirito a mania de imitarem os francezes.

Era de pequena estatura, nutrida e dotada de espirito energico ao mesmo tempo gracioso.

# A MODA

## Para gente meúda

Vestido de "voile triple" azul-verde.

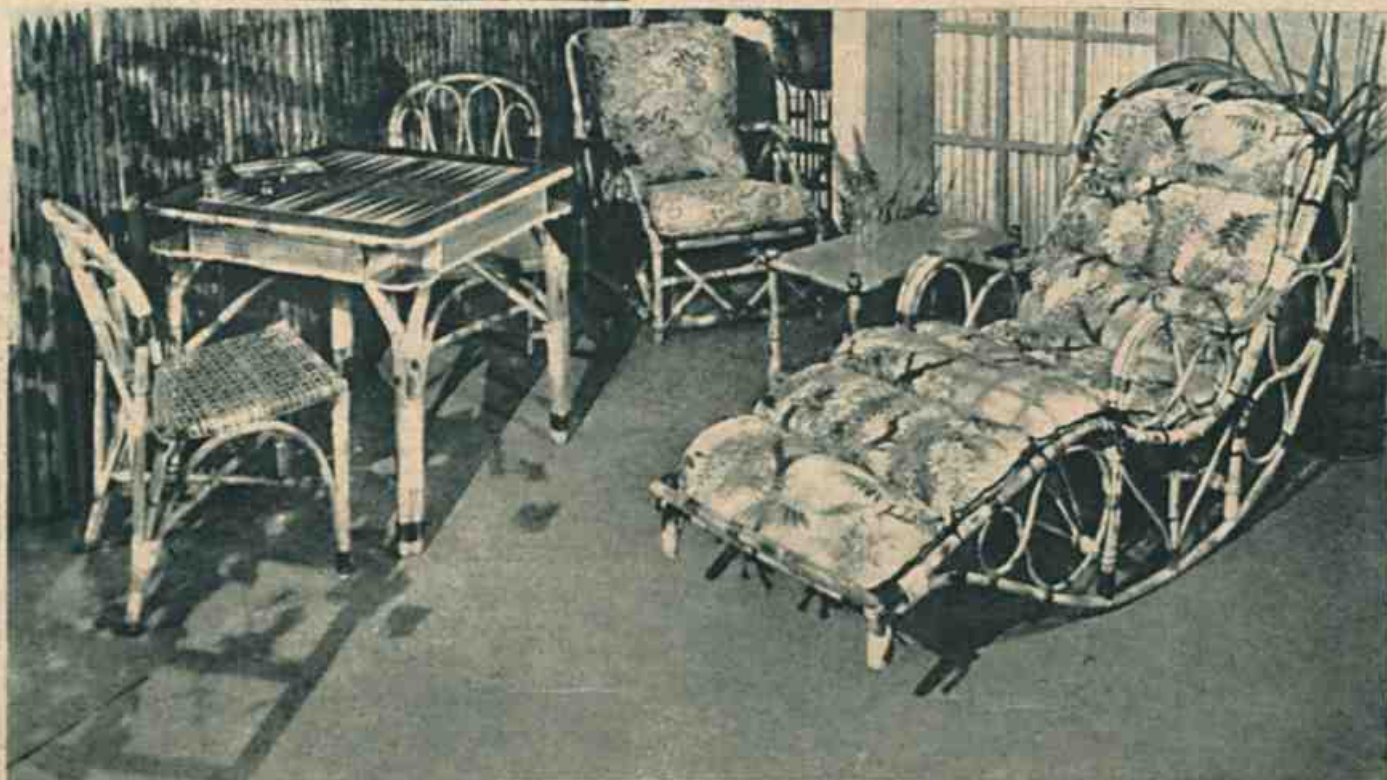
"Garçon-nets" de linho.

Vestido de "marocain" verde.

Vestidinho de crêpe de seda.

Vestido de crêpe, capote de "marrocain".

# DECORAÇÃO DA CASA

"Living-room" — Aspecto sóbrio e elegante.

# PANNO DE MESA

Material necessario: 14 meadas de linha Mouliné (Stranded Cotton), marca "Ancora" F. 407 (verde Gobelin); 48 cms. de talagarça com 1,05 ms. de largura; 1 agulha de cozer n. 5; 1 agulha de aço para "crochet" "Milward" n. 3..

Este panno de mesa é bordado com linha verde em talagarça branca. O mesmo desenho tem um bello effeito si fôr executado em azul, amarello ou vermelho em fundo branco.

Depois de tirar o desenho numa folha de papel, pode-se passal-o sobre um linho fino e macio acompanhando o desenho, em vez de contar os fios.

Si fôr empregada uma talagarça grossa, usar 3 fios da linha e contar fios do panno para cada ponto de cruz. O desenho pode ser seguido pelo diagramma.

O panno mede 51 x 32 cms. depois de terminado. Rematar a beirada virando uma bainha estreita, o fundo de uma cruz, para o lado avesso do panno, depois então fazer o bico:

Bico. — Fazer pc toda a volta.

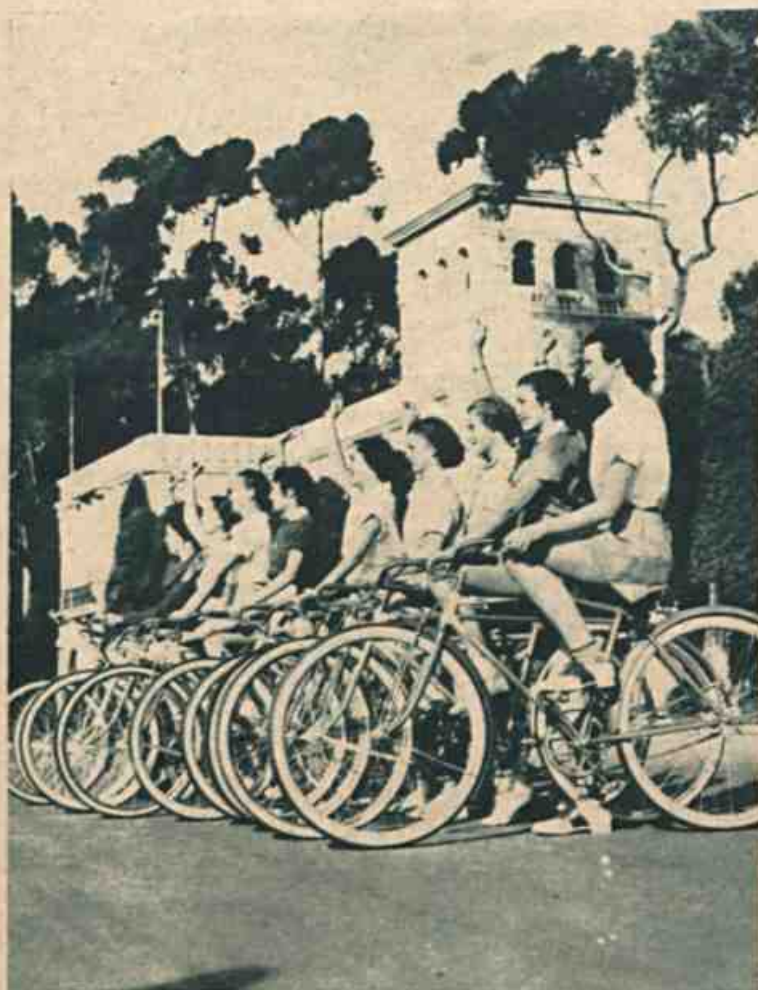
2.ª carreira: começar no canto 1 pc, x 4 tr, 1 pc no mesmo lugar como primeiro tr (isto forma "picot"), pc ao longo da ponta da primeira carreira cerca 5 cms. x

repetir de x até x toda a volta, emendar com mpc ao primeiro pc.

**Abreviaturas:**

Tr .............. trança
Pc .............. ponto de "crochet"
Mpc ............ meio ponto de "crochet"

Este trabalho tambem pode ser feito com linha Perola, marca "Ancora", n. 5 — precisando 3 novelos ou 4 meadas de F. 407 (verde Gobelin).

# CYCLISMO, SPORT DA MODA

E' notavel o resurgimento que tem tido o salutar sport que que é o cyclismo, principalmente nos meios femininos. Nos Estados Unidos é actualmente o preferido, a verdadeira "coqueluche", no campo como nas praias. Esta photographia, por exemplo, nos mostra nove formosas californianas de San Diego antes da partida para uma corrida disputadissima.

Entre nós, tambem o cyclismo vem conseguindo adeptos e afeiçoados, como sport elegante que já se tornou. As grandes casas do artigo têm augmentado sua importação e entre estas se destaca a Casa Isnard & Cia., á rua Evaristo da Veiga nº 20, que é a distribuidora das melhores marcas mundiaes. O stock que essa importante casa possue é digno de uma visita. Isnard & Cia são os maiores fornecedores de bicycletas para senhoritas.



# LIVROS E AUTORES

### CALOGERAS

A Companhia Editora Nacional, de São Paulo, tem publicado uma collecção preciosa de livros sobre homens e coisas do Brasil, constituindo a Bibliotheca Pedagogica Brasileira, sob a direcção do Sr. Fernando de Azevedo.

Um dos livros editados recentemente por essa Bibliotheca, é a biographia de João Pandiá Calogeras, o notavel publicista e politico brasileiro. E' um trabalho de merito, não só pelo criterio com que foi escripto, como pela exactidão dos dados que nos offerece, na recomposição da vida e da obra de um grande patriota.

O seu autor, Sr. Antonio Gontijo de Carvalho presta, com esse estudo, um bom serviço ás letras nacionaes.

### DICCIONARIO PORTUGUEZ-ESPERANTO

O Esperanto começa a interessar, vivamente, os meios culturaes do Brasil. Por isso mesmo, póde-se avaliar, facilmente, a optima acceitação que vem tendo o "Diccionario Portuguez-Esperanto" que acabam de publicar os Srs. A. Couto Fernandes, Carlos Domingues, L. Porto Carrero Neto. Trabalho feito com muito escrupulo, elle é de grande utilidade aos estudiosos da lingua universal, que principia a diffundir-se, com tanto successo entre nós. Editado pela Imprensa Nacional, elle representa, tambem, um bello esforço das nossas artes graphicas.

### PROBLEMAS DE EDUCAÇÃO

A professora Emilia de Carvalho Antony acaba de enfeixar, numa pequena brochura, alguns dos seus trabalhos sobre o problema educacional, dando-lhes o titulo: "Minha missão de delegada do Amazonas ao VII Congresso Nacional de Educação, reunido no Rio de Janeiro, de 23 de Junho a 7 de Julho de 1935". A pequena brochura consta de uma conferencia sobre "O Problema Economico e o Problema do Ensino"; uma entrevista sobre "As directrizes do ensino primario brasileiro e a nacionalização do diploma de professores"; uma palestra sobre "Impressões do VII Congresso Nacional de Educação", e um discurso.

E' indubitavel que a professora Emilia de Carvalho Antony é uma estudiosa do problema educacional brasileiro e que soube levar as suas observações mais longe e mais profundamente do que a maior parte dos que se presumem technicos e conhecedores dessas questões. A leitura dos seus trabalhos é, por isso mesmo, das mais proveitosas.

EM VISITA A' ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA

O jornalista portuguez Dr. Mario Monteiro, que foi portador de um officio de congratulações do Syndicato Nacional dos Jornalistas entre os directores da Associação Brasileira de Imprensa, em visita á Casa dos Jornalistas.

# Belleza e MEDICINA

## COMO EMMAGRECER?

DR. PIRES

*(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)*

Toda pessoa traz comsigo uma ambição essencial e muito justa que é a de ter o corpo sempre elegante, bem feito. A gordura constitue um dos maiores attentados á esthetica. Uma silhueta agradavel, normal, é um dos melhores presentes que a natureza nos póde dar.

Entre os inconvenientes da obesidade bastaria citarmos que ella sobrecarrega o trabalho do coração difficultando, tambem, os movimentos respiratorios.

Quando a gordura invade os intersticios musculares. os intestinos, figado, rins, coração, verdadeiras insufficiencias funccionaes são observadas, e então apparecem palpitações, dôres de cabeça, apathia, digestões difficeis, diminuição da resistencia organica e outras desordens.

E' preciso agir em tempo antes que appareça esse periodo de degenerescencia cellular.

O tratamento da obesidade não é, entretanto, tão difficil quanto parece. Os regimens alimentares constituem optimos meios para emmagrecer e podem ser feitos tanto por ricos como por pobres.

*Os corpos mais obesos beneficiam-se rapidamente com os regimens alimentares.*

Eis abaixo um optimo regimen para os gordos.

Oito horas: chá cu café; vinte grammas de pão torrado sem manteiga; uma maçã ou pêra.

Almoço: cem grammas de carne, legumes e verduras bem cozidas á vontade, frutas.

Quatro horas: refeição egual á da manhã.

Jantar: egual ao almoço.

### UMA INFORMAÇAO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene da pelle, couro cabelludo, cirurgia esthetica e demais questões de embellezamento ao medico especialista e redactor desta secção Dr. Pires. As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" annexo e dirigidas ao Dr. Pires — Redacção d'O MALHO — Travessa do Ouvidor n. 34 — Rio de Janeiro. Daremos, ainda, em cada numero, conselhos, suggestões e informações sobre assumptos de belleza, pois não é possivel fazermos diagnosticos nem formularmos tratamentos sem o exame pessoal do interessado.

BELLEZA E MEDICINA

Nome ....................

Rua. ....................

Cidade ....................

Estado ....................

# CONTEMPLADOS NO TORNEIO DO 57.º PROBLEMA DE PALAVRAS CRUZADAS

CAPITAL FEDERAL

*Nilza Telles* — Rua Mario Motta, 40 — Bento Ribeiro A. P. P. A. — Rua Nizia Floresta, 101 — Andarahy.

*Paulo Góes* — Rua Cascata, 305 — Tijuca.

*Mlle. Ventania* — Banco do Brasil.

BAHIA

*Carma* — Rua Ferreira Franco, 45 — Capital.

*Augusto Constant* — Lyceu Salesiano — Largo de Nazareth — Capital.

SAO PAULO

*Elineresia*, Rua Tiradentes, 19 — Cravinhos 1.901 — Caixa Postal 1.001 — Capital.

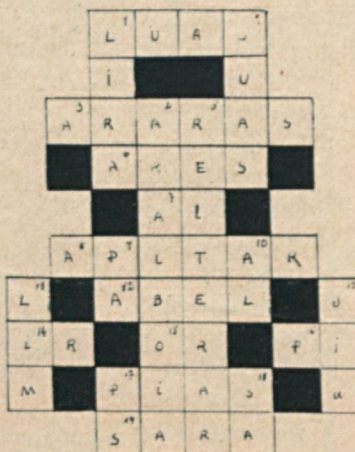
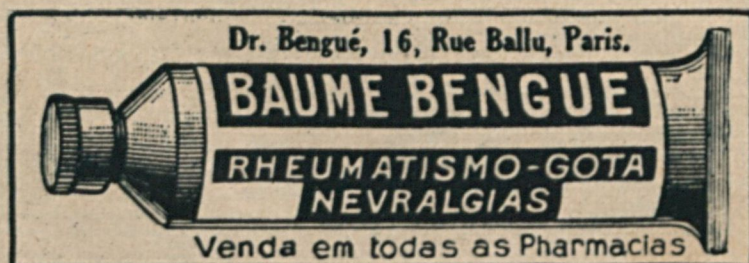
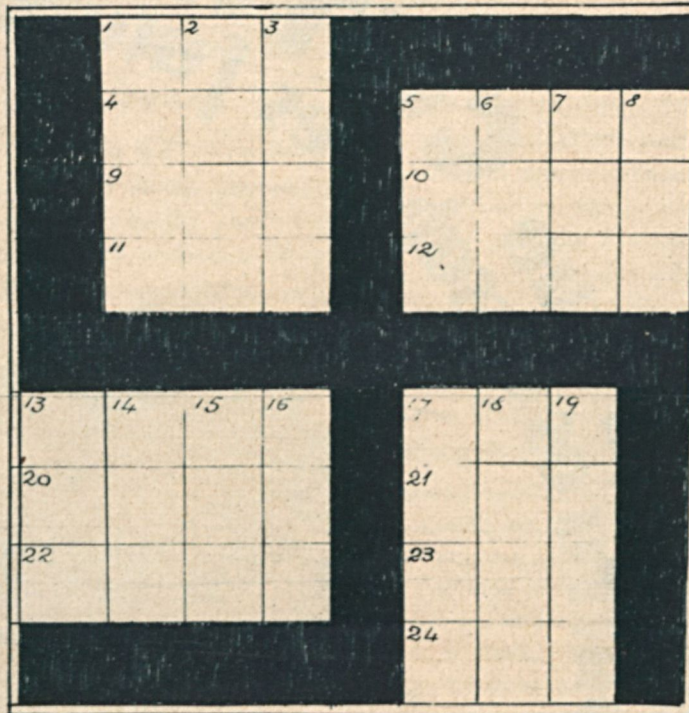
ESTADO DO RIO

*Calepino* — Rua Santos Dumont, 931 — Petropolis.

*Dr. Balsemão* — Pedro do Rio.

## Galeria dos decifradores

Sta. Maria Victoria C. de Menezes, que usa o pseudonymo de "Elza" — Rio

Sta. Maria de Lourdes Chaves — Rio

SOLUÇÃO EXACTA DO 57º PROBLEMA DE PALAVRAS CRUZADAS

# PALAVRAS CRUZADAS

HORISONTAES

1) Dezeseis
4) Igual, semelhante
5) Arbusto da India
9) O mesmo que tres
10) Acaso
11) Util, proveitoso (invertido)
12) Termo com que se designa uma pessoa ou cousa.
13) Planta com cuja semente se faz carmim.
17) Patriarcha, filho de Lamech
20) Interjeição vulgar
21) Travessão s/ que anda a canna do leme (invertido)
32) Diz-se do vento calmoso e abafado do sul.
23) Patriarcha celebre por sua paciencia
24) Interjeição.

VERTICAES

1) Palavra burlesca empregada para significar excellencia de alguma cousa.
2) Poder, jurisdicção.
3) Mensageira dos Deuses
5) Principe, chefe tartaro
6) Occasião
7) Medida
8) Especie de tecido
13) Pae de Saul
14) Pequeno cesto dos indigenas do Brasil
15) Constellação austral
16) Navio
17) Lucto
18) Da congregação de São João Evangelista (invertido)
19) Povo da Guiné

SÃO condições para concorrer aos nossos torneios semanaes: enviar as soluções á nossa redacção, á Travessa do Ouvidor, 34, cada uma separadamente em uma folha de papel; fazer acompanhar a solução do *coupon* numerado correspondente, *collando-o* para que se não extravie, e fazendo constar nelle, legivelmente, nome e endereço.

Para o torneio de hoje, 10 (dez) premios serão sorteados nas condições acima. As soluções, para entrarem no sorteio, deverão estar em nosso poder até o dia 4 de Abril, apparecendo a solução e o resultado do sorteio no O MALHO do dia 16 do mesmo mez.

PALAVRAS CRUZADAS
Coupon n. 60
*Nome ou pseudonymo* .. .. .. .. .. ..
.. .. .. .. .. .. .. ..
*Residencia* .. .. .. .. ..
.. .. .. .. .. .. .. ..
.. .. .. .. .. .. .. ..

# ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA

Tudo o que o Brasil pode mostrar de apreciavel na immensa variedade das suas riquezas, paizagens, costumes, cultura, a "Illustração Brasileira" apresenta nas suas paginas magnificamente impressas.

**ASSIGNATURAS**

| | |
|---|---|
| ANNUAL . . . . . . . . . . . . . | 35$000 |
| SEMESTRAL (sob registro) . . | 18$000 |
| NUMERO AVULSO . . . . . . | 3$000 |

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
TRAVESSA DO OUVIDOR, 34
CAIXA POSTAL 880 — RIO DE JANEIRO